

MERCADO LITORAL

CONEXÃO DE LIMITES

Micaela Rocha



Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitetura

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

MERCADO LITORAL

CONEXÃO DE LIMITES

Micaela Chavarria Sousa Rocha

Orientadores: Prof.^a Arq.^a Inês Lobo;
Prof. Doutor Joaquim Moreno

Lisboa, Setembro 2018

UM GRANDE OBRIGADA

Aos meus pais por toda a dedicação, amor, calma e compreensão.

À Mafalda Conceição, à Catarina Fialho e à Rita Rocha pelo suporte emocional e grande amizade.

Ao Ricardo Gomes pelo apoio e serenidade.

A toda a minha família e amigos por acreditarem sempre.

Aos orientadores de tese, Arquiteta Inês Lobo e Prof. Doutor Joaquim Moreno.

Mas principalmente ao meu irmão Ricardo, sempre presente.

A minha pessoa- inspiração, o meu maior exemplo de força, determinação e coragem.

ABSTRACT

Starting from a personal reflection on Alcácer do Sal, this territory can be understood as a vital system formed by extensive areas of exploration that are along the entire coast of the county. It's due to the prosperity of natural resources in this territory, as well as its geographic location and its climatic characteristics, which led the appearance of new productive activities of great importance for its own development, such as salt production, whose extracted product gave origin to the name of the city, as well as agricultural, fish and forestry activities. However, and knowing the scale of production in the region, there is clearly a lack of structural support and a solid market field that could carry forward the process and develop the built environment. As a result of this "inability" to accompany the needs and demands of so-called "contemporary" society, Alcácer do Sal now faces a serious decline in the commercial sector, in addition to facing desertification. It is, therefore, crucial to create a compromise between society and local authorities in order to seek and reinterpret the commercial economy of Alcácer do Sal. This proposal consists of the rehabilitation of an urban void that clearly establishes a boundary between urban and agricultural networks. In saying this, it intends to reactivate and improve agricultural and fishing activities in Alcácer do Sal, as well as strengthen ties between urban and rural areas. Through the requalification of the riverfront, the proposal establishes a program for a market complex, new accessibility, and a fish production site.

Keywords: exploration; limit; Urban voids; trade.

RESUMO

Após uma reflexão sobre o território de Alcácer do Sal, pode compreender-se que este é maioritariamente composto por extensas áreas de exploração, tanto agrícola como piscícola, abastecidas pelo Rio Sado, que se estendem ao longo do litoral de todo o concelho, fazendo deste, um território bastante rico em recursos naturais. Mas ao contrário do que se esperava, dada a escala de produção desta região, esta não se traduz igualmente no comércio local, havendo uma forte carência a este nível neste concelho. Através de uma análise tanto da evolução urbana da cidade de Alcácer, como da evolução tipológica dos espaços de comércio, entende-se que a desertificação da cidade, bem como o declínio da atividade mercantil, estão inteiramente ligados ao facto de ambos não terem sido capazes de acompanhar as necessidades e exigências da sociedade contemporânea. Contudo, uma vez que o comércio é uma das atividades mais revitalizadoras da vida de uma cidade, no qual o mercado é uma parte integrante do espaço público, que o dinamiza e qualifica, surge a necessidade de reinterpretar o seu conceito e tipologia, através da criação de um programa comercial local em Alcácer do Sal, que procura repensá-la como um novo centro de abastecimento de produtos do concelho e de outras regiões interiores. Esta intervenção consiste na reabilitação de um de dois vazios urbanos que marcam o limite entre a malha urbana e a malha agrícola, procurando reativar e melhorar as atividades agrícolas e piscícolas deste território, bem como fortalecer os laços entre as zonas urbanas e zonas rurais e promover o empreendedorismo da cidade, através da requalificação da frente ribeirinha, onde se propõe implantar um complexo mercantil que integra para além de um mercado um programa de produção piscícola.

Palavras- chave: exploração; comércio; limite; vazios urbanos; mercado.

ÍNDICE

CONCEITO

REFLEXÃO

PLANEAMENTO

AGRADECIMENTOS

ABSTRACT 006
RESUMO 007
ÍNDICE DE IMAGENS 010
ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS 012

CONCEPÇÃO DE LIMITE 014

PERCEPÇÃO DE LIMITE (TERRITORIAL) 022

ALCÁCER DO SAL: Localização e Caracterização 024

LIMITES FÍSICOS 028

LIMITE FLUVIAL 033
Rio Sado 034
Evolução do Sado 036
Divisão do Sado 038
Recursos Halieuticos 040
Navegabilidade 042

LIMITE PRODUTIVO 047
Caracterização da área de produção 048

LIMITE URBANO 057
Caracterização da cidade no Território 058

CONEXÃO DE LIMITES 064

VAZIOS URBANOS- Estratégia 066

COMÉRCIO- Programa 074

MERCADO LITORAL
Planta Localização 084
Planta Implantação 091
Planta Piso 0 092
Planta Piso 1 098
Planta Cobertura 100

Axonometria 103

Planta Edifício
Planta Piso 0 109
Planta Piso 1 117
Planta Cobertura 125

Corte Y1 133
Corte X2 139
Corte X1 143
Corte Construtivo X3 151

CONCLUSÃO 158

BIBLIOGRAFIA 160

ÍNDICE DE IMAGENS

IMG.1 | Limite Natural -linha do horizonte e linha de costa. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 19**

IMG.2 | Limite Natural- linha do horizonte. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 19**

IMG.3 | Limite Natural- linha de costa. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 19**

IMG.4 | Limite Artificial. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 21**

IMG.5 | Limite Artificial- linha do horizonte (skyline). Imagem de autor. Lisboa. 2017. **p 21**

IMG.6 | Limite Artificial- linha de costa (frente ribeirinha). Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 21**

IMG.7 | Limite Fluvial. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 29**

IMG.8 | Limite Produtivo- linha de costa. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 29**

IMG.9 | Limite Urbano. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 29**

IMG.10; 11; 12 | Portos de Alcácer do Sal. Imagens de autor. Alcácer do Sal. 2014. **p 33**

IMG.13; 14; 15 | Arrozais actualmente. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2018. **p 47**

IMG.16 | Paisagem Agrícola- Terreno cultivo plano. Yann ARTHUS-BERTRAND. Ginseng Fields, Coreia do Sul. Disponível em: <https://www.hemisgalerie.com/fr/26-agriculture#>. **p 49**

IMG.17 | Paisagem Agrícola- Terreno cultivo em socalco. Yann ARTHUS-BERTRAND. Terraços de arroz de Bali, Indonésia. Disponível em: <https://www.hemisgalerie.com/fr/26-agriculture#/page-2>. **p 49**

IMG.18 | Paisagem Agrícola- Terreno cultivo horticula. Yann ARTHUS-BERTRAND. Jardinagem de mercado, Senegal. Disponível em: <https://www.hemisgalerie.com/fr/26-agriculture#/page-2>. **p 49**

IMG.19; 20; 21 | Antigas salinas em Alcácer do Sal. Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal. Vista antiga das salinas. Disponível em: <http://83.240.184.26/drupal/?q=en/node/152>. **p 51**

IMG.22 | Limite Produtivo- Arrozais em fase de cultivo. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2018. **p 53**

IMG.23 | Limite Produtivo- Arrozais em fase de crescimento. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2018. **p 53**

IMG.24 | Limite Produtivo- Arrozais em fase de colheita. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2018. **p 53**

IMG.25; 26; 27 | Limite Urbano- cidade Alcácer do Sal. Imagem de autor. Alcácer do Sal. 2014-2018. **p 57**

IMG.28; 29; 30 | Antiga zona ribeirinha da cidade de Alcácer do Sal. Arquivo da C.M. Alcácer do Sal. Zona ribeirinha de Alcácer do Sal. Disponível em <http://83.240.184.26/drupal/?q=en/node/151>. **p 59**

IMG.31 | Planta Macella- Grécia Antiga (Corito). **p 75**

IMG.32 | Planta Macellum- Roma Antiga. Wikimedia Commons. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Macellumplan.jpg>. **p 75**

IMG.33 | Planta mercado de Trajano, Roma. Disponível em: https://it.wikipedia.org/wiki/File:Foros_imperiales-plano_base.png. **p 75**

IMG.34 | Mercado Medieval, Cambridge -1841. Disponível em: <http://market-tradenews.com/mtn-yesteryears-step-back-in-time-with-cambridge-market/>. **p 77**

IMG.35 | Planta Bazaar Turco -1854. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Bazaar>. **p 77**

IMG.36 | Desenho de Halle comercial- Halle au Blé (Mercado do Trigo), Paris. Disponível em: <https://www.mediastorehouse.com/granger-art-on-demand/paris/paris-halle-au-ble-c1785-building-constructed-6183051.html>. **p 77**

ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS

PD1 | Esquema de definição de limite. **p 17**

PD2 | Esquema de definição de fronteira. **p.17**

PD3 | Esquema de evolução do Concelho de Alcácer do Sal. **p.27**

PD4 | Limites Físicos do Território de Alcácer do Sal. Esc. 1/115 000. **p.30-31**

PD5 | Esquema do Rio Sado. **p.35**

PD6 | Esquema comparativo do percurso do Rio Sado, em relação a outros rios de grande importância em Portugal. **p.35**

PD7 | Esquema linha de costa 20 000 anos a.C. **p. 37**

PD8 | Esquema linha de costa entre 10 000 e 6 000 anos a.C. **p. 37**

PD9 | Esquema linha de costa entre 5 500 e 4 000 anos a.C. **p. 37**

PD10 | Esquema linha de costa entre 4 000 e 1 500 anos a.C. **p. 37**

PD11 | Esquema de linha de costa actualmente. **p. 37**

PD12 | Esquema de divisão do Rio Sado. **p. 39**

PD13 | Esquema da área de pescas. **p. 41**

PD14 | Esquema da área de recolha de moluscos. **p. 41**

PD15 | Esquema da área de recolha de crustáceos. **p. 41**

PD16 | Esquema da área de piscicultura. **p. 41**

PD17 | Esquema de navegabilidade do rio Sado. **p. 43**

PD18 | Esquema da batimetria do rio Sado. **p. 44- 45**

PD.19 | Área de Produção de Sal. Esc. 1/ 115 000. **p. 54-55**

PD.20 | Planta evolutiva da cidade de Alcácer do Sal. **p. 62-63**

PD.21 | Planta de Vazios Urbanos da cidade de Alcácer do Sal. Esc. 1/ 5 000. **p. 68-69**

PD.22 | Planta de Estratégia. Esc. 1/ 5 000. **p. 72-73**

PD.23 | Esquema explicativo do funcionamento de dois dos sectores mais importantes para a subsistência deste território. **p. 79**

PD.24 | Esquema de uma das intenções da proposta. **p.81**

PD.25 | Planta de Localização do sistema proposto. Esc. 1/1250. **p. 86-89**

PD.26 | Planta de de Implantação do complexo mercantil (Piso0) Esc. 1/500. **p. 94-97**

PD.27 | Planta Piso 1. Esc. 1/500. **p. 99**

PD.28 | Planta Cobertura. Esc. 1/500. **p. 101**

PD.29 | Axonometria- Esquema de percursos no complexo mercantil. Esc. 1/700. **p.106-107**

PD.30 | Planta Edifício- Piso 0 Esc. 1/200. **p. 112-115**

PD.31 | Planta Edifício- Piso 1 Esc. 1/200. **p. 120-123**

PD.32 | Planta Edifício- Cobertura Esc. 1/200. **p. 128-131**

PD.33 | Corte Y1- Mercado Litoral. Esc. 1/200. **p. 134-137**

PD.34 | Corte X2- Mercado Litoral. Esc. 1/200. **p.140-141**

PD.35 | Corte X1- Mercado Litoral. Esc. 1/200. **p.144-149**

PD.36 | Corte Construtivo X3. Esc. 1/50. **p.154-157**

Limite

Para uma melhor compreensão de Limite, há que compreender primeiro qual o seu significado e o que o define, através de uma comparação e uma desvinculação a uma palavra a que muitas vezes surge associada, Fronteira.

“*LIMITE, m. Linha que demarca a extensão de superfícies ou terrenos contíguos; marco; baliza; raia; fronteira. (Do lat. Limes, limitis)*”¹

“*FRONTEIRA, f. Linha que separa dois países, regiões, territórios; estrema; limite; termo. (Do lat. frons, tis)*”²

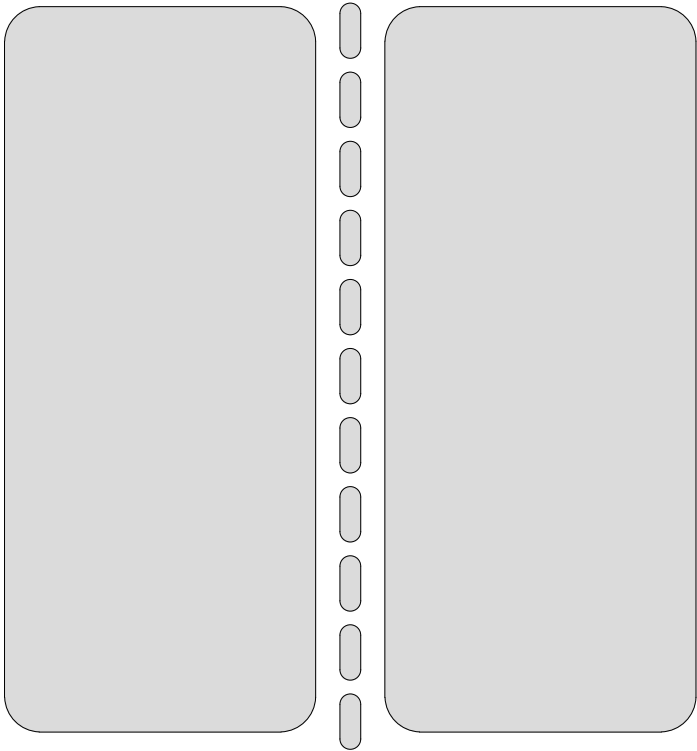
Segundo o dicionário de Língua Portuguesa podemos compreender que por Limite se considera algo linear, que separa dois espaços com características distintas, contínuas e bem marcadas no terreno, ao contrário de Fronteira, que como o seu significado diz, se define por uma *estrema*³, algo não linear, ou seja, algo instável e incerto, que não impõe a segurança e determinação conseguida pelo Limite. Pode concluir-se que Limite se caracteriza por uma divisória que marca a transição de um meio para outro, ao contrário de fronteira que se apresenta como uma área entre dois meios.

O conceito de Limite é essencial para perceber a unidade de paisagem enquanto lógica reconhecível e uniforme, pois desempenha um papel importante no seu dinamismo e funcionamento. A existência de limites nas unidades de paisagem, em lugar de fronteiras, deve-se ao fato de estas se tratarem de agregados definíveis enquanto tal, que dependem exclusivamente da auto-definição da sua unidade para se desenvolverem, sem necessitarem de se relacionar com outros para o fazer. Este sempre se mostrou detentor de uma grande importância conceptual refletida por variadas abordagens desenvolvidas pelas mais distintas áreas do conhecimento ao longo dos séculos, permitindo ao arquiteto alcançar uma melhor consolidação do seu trabalho, ao longo dos tempos, no que diz respeito ao planeamento do território. O Limite, definido como um elemento linear, apresenta-se muitas vezes como elemento produtivo de quebras físicas e visuais na continuidade dos territórios, através de linhas de costa, rios, montanhas ou acidentes geomorfológicos. Deste modo, os limites também se podem caracterizar como barreiras naturais intransponíveis e não circuláveis, sem a presença de vestígios humanos, que separam várias regiões, ou que apenas se lêem como linhas contínuas que permitem que estas convivam e se conectem.

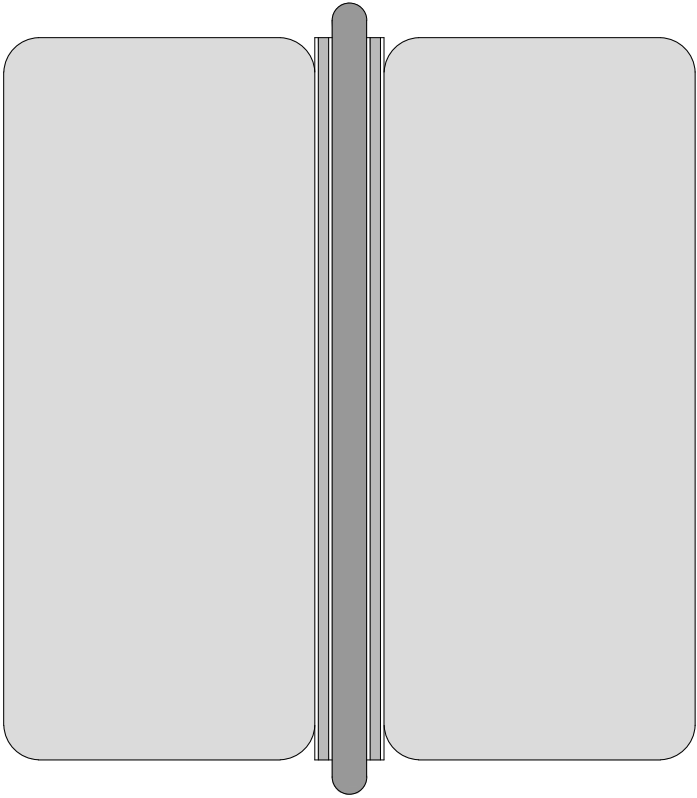
Os limites de origem natural frequentemente representados no território como espaços descontínuos tratam-se de espaços apenas modificados pela ação da natureza.

¹ e ² INFOPÉDIA-Dicionários da Língua Portuguesa [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. [Consult. Jan. 2018]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/limite>

³ ESTREMA, f. . Limite de terras: Ponto ou linha que delimita; orla; sulco feito artificialmente ou marco divisório para delimitar terrenos. In INFOPÉDIA-Dicionários da Língua Portuguesa [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. [Consult. Jan. 2018]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estrema>



PD. 1



PD. 2

Existem três elementos delimitadores da paisagem que coabitam sempre lado a lado e que definem os limites de origem natural: o céu, a água e a terra.

O céu, elemento que permanece fisicamente inalterado ao longo dos tempos, apresenta-se como o elemento responsável por conceder profundidade e noção espacial ao território. Este, como todos os restantes, marca o término de um elemento para dar lugar a outro, como acontece com o horizonte- linha de comunicação entre o céu e a terra - ou com a linha de costa - momento em que a terra toca a água.

A linha do horizonte é claramente um limite composto por vários elementos com características diferentes, mas sempre com um elemento em comum, o céu, que não apresenta quaisquer alterações visíveis desde que é descrito, contrariamente à terra, que tem sofrido diversas alterações devido aos efeitos e transformações geológicas, topográficas, climáticas ou até mesmo com distúrbios naturais, como tempestades ou incêndios, ou ainda com as sucessivas oscilações da água, que se tornam mais fortes ou mais suaves perante a influência de outros fatores.

Já a linha de costa, caracterizada pelo contacto entre a terra e a água através de sucessivos avanços e recuos do mar sobre a terra, propiciam a origem do equilíbrio que consequentemente faz gerar vida.

É devido à coexistência entre todos os elementos que definem um limite, que se influenciam e transformam mutuamente, que se determinam e se formam as estruturas que compõem o progressivo desenvolvimento da paisagem, sejam elas paisagens definidas por limites de origem natural, ou por limites de origem artificial, que se caracterizam por todos os elementos construídos e/ou modificados pela ação do Homem.

Deste modo, também a arquitetura pode ser vista como um limite. Ao construir criam-se fronteiras, através da delimitação de um começo e de um término imposto pela construção, tornando um determinado espaço passível de ser modelado e de lhe ser conferida uma forma consoante a intenção a que se destina.

Como podemos constatar ao longo de séculos, o Homem foi implantando o seu habitat sempre influenciado, quer pelo ambiente natural que o rodeava, quer pela própria natureza do local, ou seja pela essência desse lugar.

São diversos os elementos construídos pelo Homem que atuam como delimitadores de espaços comunicantes entre o natural e o artificial, o construído e o não construído, bem como o interior e o exterior.

Apesar do céu, da água e da terra, serem os únicos elementos que definem os limites de origem natural, isso não os torna exclusivamente delimitadores de paisagens naturais, podendo também definir limites de origem artificial.

Para um melhor entendimento deste paradigma constata-se que tanto a linha do horizonte como a linha de costa se podem definir como limites de origem artificial. São exemplos desta dualidade, o skyline de uma cidade, por se tratar de uma linha de horizonte artificial criada através da construção em altura de modo excessivo, num determinado local, e que acaba por ocultar de forma relevante a linha de horizonte "natural". Ou ainda a frente ribeirinha de uma cidade, que se apresenta como uma linha de costa artificial conseguida pelos consecutivos avanços da cidade sobre o rio, que a redefinem e controlam os sucessivos avanços e recuos das marés sobre a cidade.

IMG.1 | Limite Natural -linha do horizonte e linha de costa;
IMG.2 | Limite Natural- linha do horizonte;
IMG.3 | Limite Natural- linha de costa



IMG. 1



IMG. 2



IMG. 3

Os limites de origem natural frequentemente representados no território como espaços descontínuos tratam-se de espaços apenas modificados pela ação da natureza. Existem três elementos delimitadores da paisagem que coabitam sempre lado a lado e que definem os limites de origem natural: o céu, a água e a terra.

O céu, elemento que permaneceu fisicamente inalterado ao longo dos tempos, apresenta-se como o elemento responsável por conceder profundidade e noção espacial ao território. Este, como todos os restantes, marca o término de um elemento para dar lugar a outro, como acontece com o horizonte-linha de comunicação entre o céu e a terra- ou com a linha de costa- momento em que a terra toca a água.

A linha do horizonte é claramente um limite composto por vários elementos com características diferentes, mas sempre com um elemento em comum, o céu, que não apresenta quaisquer alterações físicas ao longo dos tempos, contrariamente à terra, que tem sofrido diversas alterações devido aos efeitos e transformações geológicas, topográficas, climáticas ou até mesmo distúrbios naturais, como tempestades ou incêndios, e ainda a água com as suas sucessivas oscilações que se tornam mais fortes ou suaves perante a influência de outros fatores.

Já a linha de costa, caracterizada pelo contacto entre a terra e a água com os sucessivos avanços e recuos do mar sobre a terra, propiciam a origem do equilíbrio que consequentemente faz gerar vida.

É devido à coexistência entre todos os elementos que definem um limite, que se influenciam e transformam mutuamente, que se determinam e se formam as estruturas que compõem o progressivo desenvolvimento da paisagem, sejam elas paisagens definidas por limites naturais, ou por limites de origem artificial, caracterizados por todos os elementos construídos e modificados pela ação do Homem. Deste modo também a arquitetura pode ser vista como um limite. Ao construir criam-se fronteiras, através da delimitação de um começo e de um término imposto pela construção, tornando um determinado espaço passível de ser modelado e de lhe ser conferida uma forma consoante a intenção a que se destina.

Como podemos constatar ao longo de séculos, o Homem foi implantando o seu habitat sempre influenciado, quer pelo ambiente natural que o rodeava, quer pela própria natureza do local, ou seja a essência desse lugar.

São diversos os elementos construídos pelo Homem que atuam como deli-neadores de espaços comunicantes entre o natural e o artificial, o construí-do e o não construído, bem como o interior e o exterior.

IMG.4 | Limite Artificial
IMG.5 | Limite Artificial- linha do horizonte (skyline);
IMG.6 | Limite Artificial- linha de costa (frente ribeirinha).



IMG. 4



IMG. 5



IMG. 6

ALCÁCER DO SAL

Localização e Caracterização

Localizada na região do Alentejo Litoral, a cidade de Alcácer do Sal apresenta uma grande importância histórica, comprovada através de registos históricos de povoamentos que remontam aos finais do Neolítico, estendendo-se pelo período do bronze e ganhando uma maior importância na idade do Ferro.

Com o início do século VII a.C., em plena Idade do Ferro ergue-se uma importante urbe, que deu origem à atual cidade de Alcácer do Sal, onde nos é revelado um desenvolvimento civilizacional que se foi implantando ao longo de toda a zona do Baixo Sado, muito devido à sua situação geográfica, que se localiza no ponto terminal de uma ampla entrada para a navegação oceânica - o estuário do Sado.

Foi no início do século III a.C., com a vitória dos romanos sobre os filhos de Pompeu, a comando de César, que se deu o início da ocupação romana na Península Ibérica. É neste contexto que surge a Alcácer Romana, uma urbe que apresentava um claro potencial comercial oceânico, apelidada de Salácia - palavra que deriva do produto de maior abundância conhecido até esta época nesta região, o sal e que potencializou o seu crescimento económico.

O rio Sado, assumindo-se como uma importante via fluvial, foi um dos principais fatores que conferiram a Alcácer do Sal um papel de destaque no ocidente ibérico, fazendo com que este ocupasse um lugar proeminente durante o domínio romano. Salácia era um ponto de contato fulcral para o escoamento de riquezas vindas do interior, como os produtos agrícolas, os minérios, as lãs, o mel e principalmente o sal, fornecido pelas margens do rio Sado, na via comercial que ligava Lisboa, a duas importantes cidades romanas, Évora e Beja, prosseguindo até Mérida.

Após positivas evoluções desenvolvidas em Alcácer do Sal, ao longo dos séculos que se seguiram à conquista romana, bem características de uma urbanização romana estrategicamente aberta à rota do Atlântico, dá-se a denominada Crise do século III. Esta passagem do Alto-Império para o Baixo-império, criou um grande impacto negativo nesta região, principalmente em Alcácer, devido a uma crescente desvalorização da sua atividade portuária, a favor do porto de Lisboa e até mesmo de outros aglomerados urbanos do seu próprio território, como Setúbal e Tróia, devido à proximidade que estas cidades mantinham com o mar.

Com a conquista Islâmica em 711, que deu início ao progressivo enraizamento da cultura muçulmana na Península Ibérica e consecutivo desenvolvimento, quer das urbes, quer dos seus campos envolventes, Alcácer do Sal volta a ganhar novamente uma grande importância neste território. É neste contexto que a estrutura urbana da mesma sofre uma transformação marcada a partir de dois focos de desenvolvimento, a Medina amuralhada e a zona habitacional da ribeira. Partindo de registos históricos datados desta época, é possível observar um abandono gradual da zona do castelo em detrimento da ocupação da zona baixa da vila, junto ao porto que permaneceu até à atualidade.

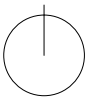
Alcácer do Sal, bem como todo o litoral atlântico, desde cedo se tornou num grande ponto de interesse dos muçulmanos, impulsionando o seu desenvolvimento, não só devido à sua localização estratégica perante o oceano Atlântico, que a tornava numa passagem quase obrigatória, mas também pela existência de uma riqueza vital agregada a território. Esta era composta por vastos pinhais de grande importância para a construção de habitações e transportes náuticos de madeira, bem como por uma vasta riqueza agrícola e fluvial, que lhe permitia adquirir uma maior relevância através da atividade produtiva referente à extração de Sal, que aqui se realizava, e à passagem de embarcações de comércio que aqui atracavam.

Nesta conjuntura, o porto de Alcácer começava a destacar-se por mérito da sua capacidade de abrigar grandes concentrações de navios, tornando-se numa importante base naval militar, que se foi desenvolvendo posteriormente até ao século X, levando-o a afirmar-se como o maior estaleiro muçulmano da Costa Atlântica.

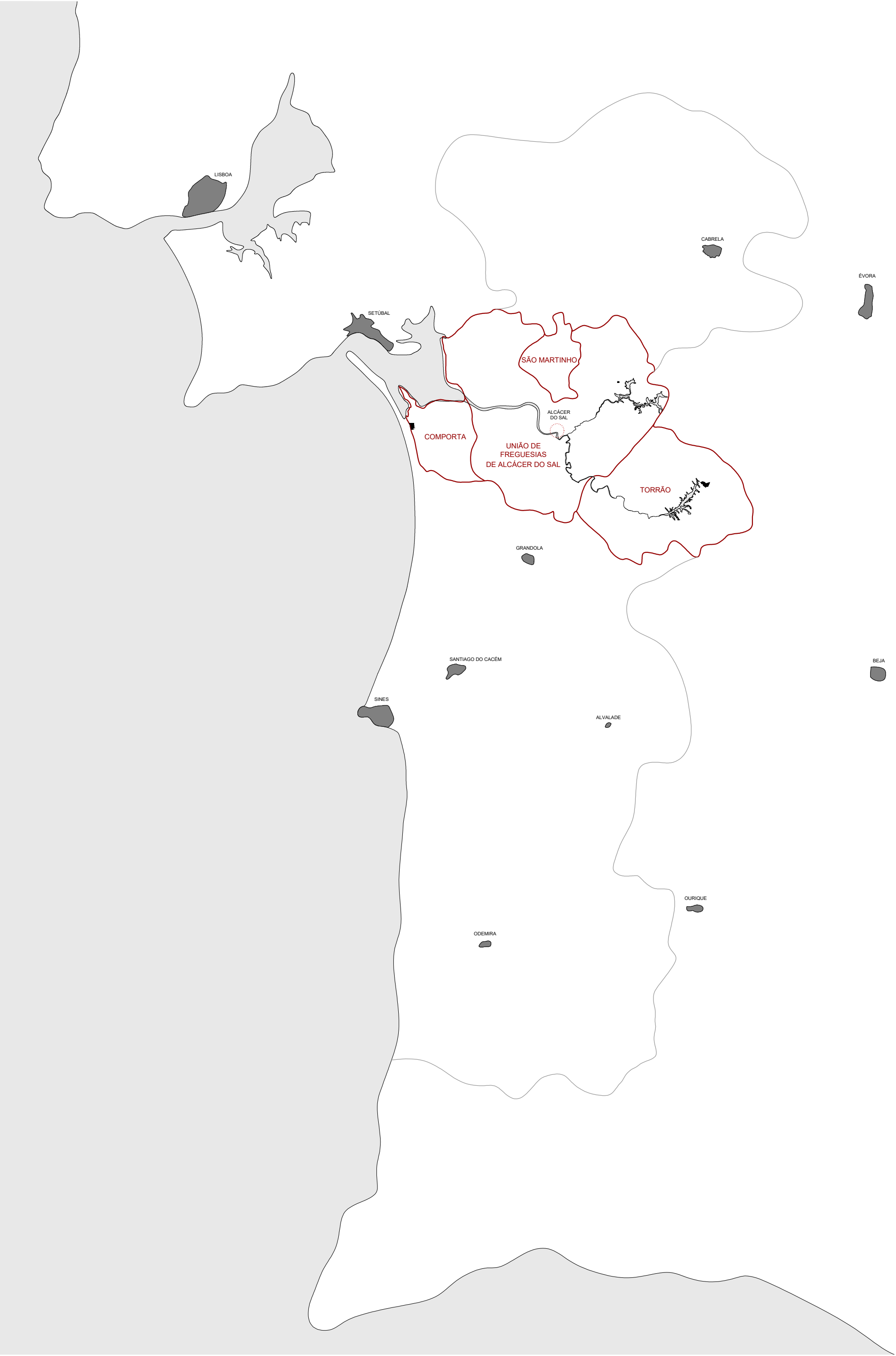
“Alcácer é uma bonita vila de grandeza média, erguida das margens do Sado, grande rio sulcado por numerosas embarcações e navios de comércio. A vila está rodeada por todos os lados de bosques, de pinheiros, cuja madeira serve para a construção de numerosos barcos. A região, muito fértil, produz em abundancia lacticínios, manteiga, mel e carne.”⁴

Esta apresentava-se como um centro com importantes ligações terrestres e fluviais- marítimas, a outras cidades de grande importância muçulmana, pois era um local onde mais facilmente se conseguia atravessar o rio Sado, antes de este se alargar para o vasto estuário. Já nesta altura o concelho de Alcácer era um dos maiores do reino, fazendo parte dele localidades como Cabrela, Torrão, Santiago do Cacém, Grândola, Alvalade, Odemira e até mesmo Sines. Este fenómeno prolongou-se desde o período medieval até a atualidade, com algumas alterações, pois atualmente Alcácer do Sal trata-se do segundo maior concelho do país, estando implantado numa área um pouco mais reduzida, com cerca de 1500 quilómetros quadrados, que se divide em quatro freguesias, das quais fazem parte a Comporta, São Martinho, Torrão, bem como a União de Freguesias de Alcácer do Sal (Santa Maria do Castelo e Santiago e Santa Susana).

⁴ PEREIRA, Maria T. L., Alcácer do Sal na Idade Média. Lisboa: Edições Colibri,2000. p. 39



PD3 | Esquema da Evolução do Concelho de Alcácer do Sal.
(a ponteadado: Concelho de Alcácer do Sal na Idade Média;
a vermelho: Concelho de Alcácer do Sal na actualidade).



LIMITES FÍSICOS
Fluvial, Produtivo, Urbano

Pensar um território é, acima de tudo, pensar nos limites que o definem. Onde delimitar importa sempre uma determinação regular de limites físicos, segundo os quais se afirmam, assentam, e se formam representações espaciais que contribuem para a construção da definição de um território, de uma cidade ou de um objeto arquitetónico.

Como tal, para uma melhor compreensão deste território, foram analisados os limites físicos que o caracterizam, onde é possível identificar o limite fluvial, que se estende desde o estuário do Sado até à barragem do Pego do Altar e à Albufeira do Vale do Gaio, sempre acompanhado do limite produtivo, pontualmente e estrategicamente interrompido pelo limite urbano. Apesar de se lerem como três limites individuais, estes exercem uma relação entre eles para garantia da sua própria subsistência.



IMG.7 | Limite Fluvial; IMG.8 | Limite Produtivo; IMG.9 | Limite Urbano.

PD4 | Limites Físicos do Território de Alcácer do Sal. Esc. 1/ 115 000



IMG. 7

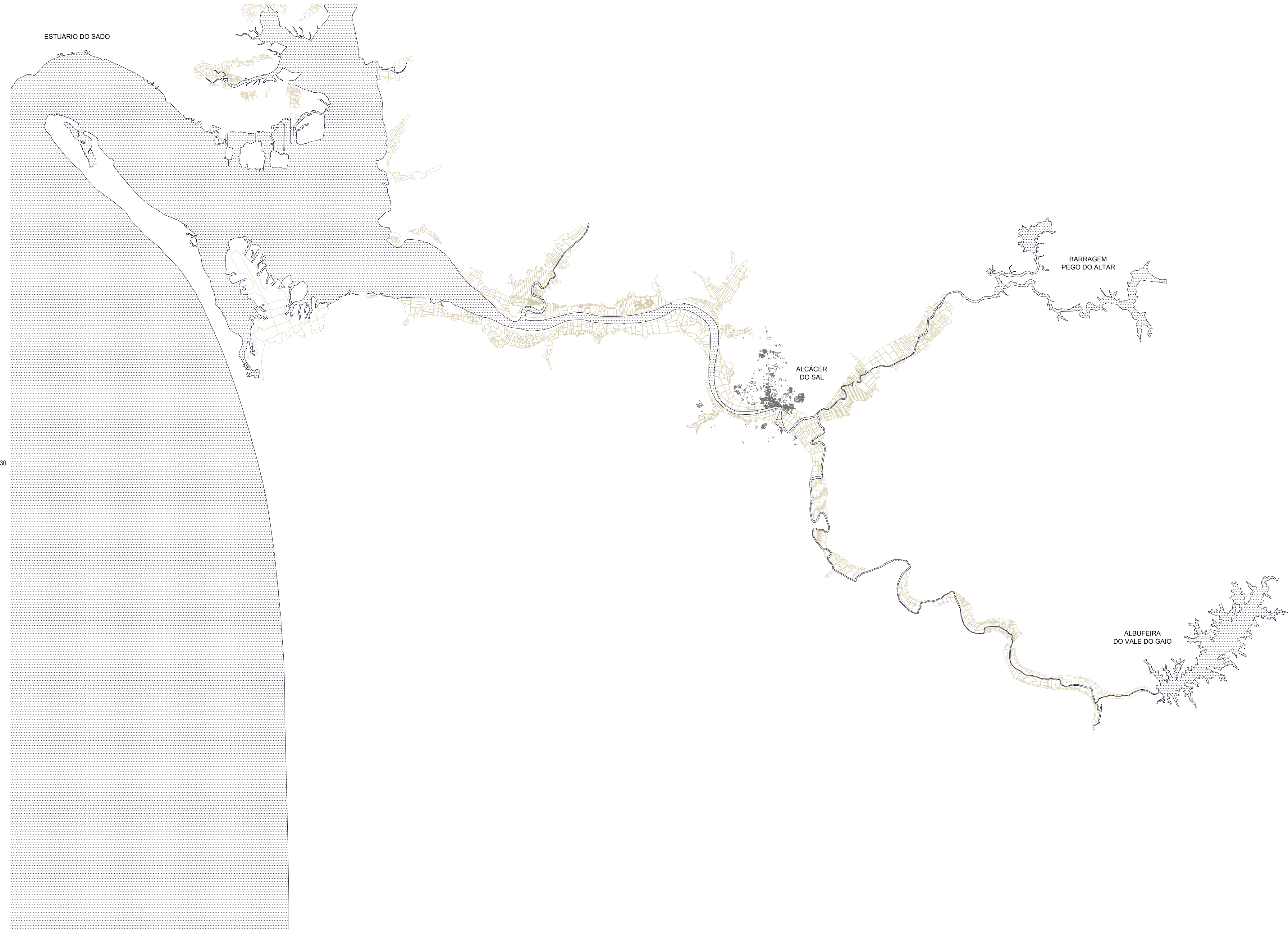


IMG. 8



IMG. 9

ESTUÁRIO DO SADO





IMG. 10



IMG. 11



IMG. 12

IMG.10; 11; 12 | Portos de Alcácer do Sal

LIMITE FLUVIAL
Rio Sado

A água é um elemento de grande importância na evolução dos territórios, contribuindo substancialmente para os processos identitários das cidades a que esta se agrega. Apresenta-se como um dos principais elementos geradores de vida, tratando-se desta forma do fator principal para a subsistência de qualquer comunidade, fornecendo-lhes as condições necessárias para o seu desenvolvimento através da agricultura, manufatura, deslocação e energia.

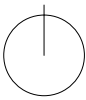
Como tal, a cidade de Alcácer não é exceção, mantendo-se, desde o início das suas primeiras povoações, agregada à história da relação que esta mantém com o Rio Sado, onde a sua proximidade com o Oceano Atlântico, bem como a sua condição portuária, estiveram na origem da definição da identidade deste território.

Para um melhor entendimento do território de Alcácer do Sal é necessário refletir sobre o papel do rio Sado, o seu respetivo curso e de que forma este marca um vínculo na paisagem do património de Alcácer.

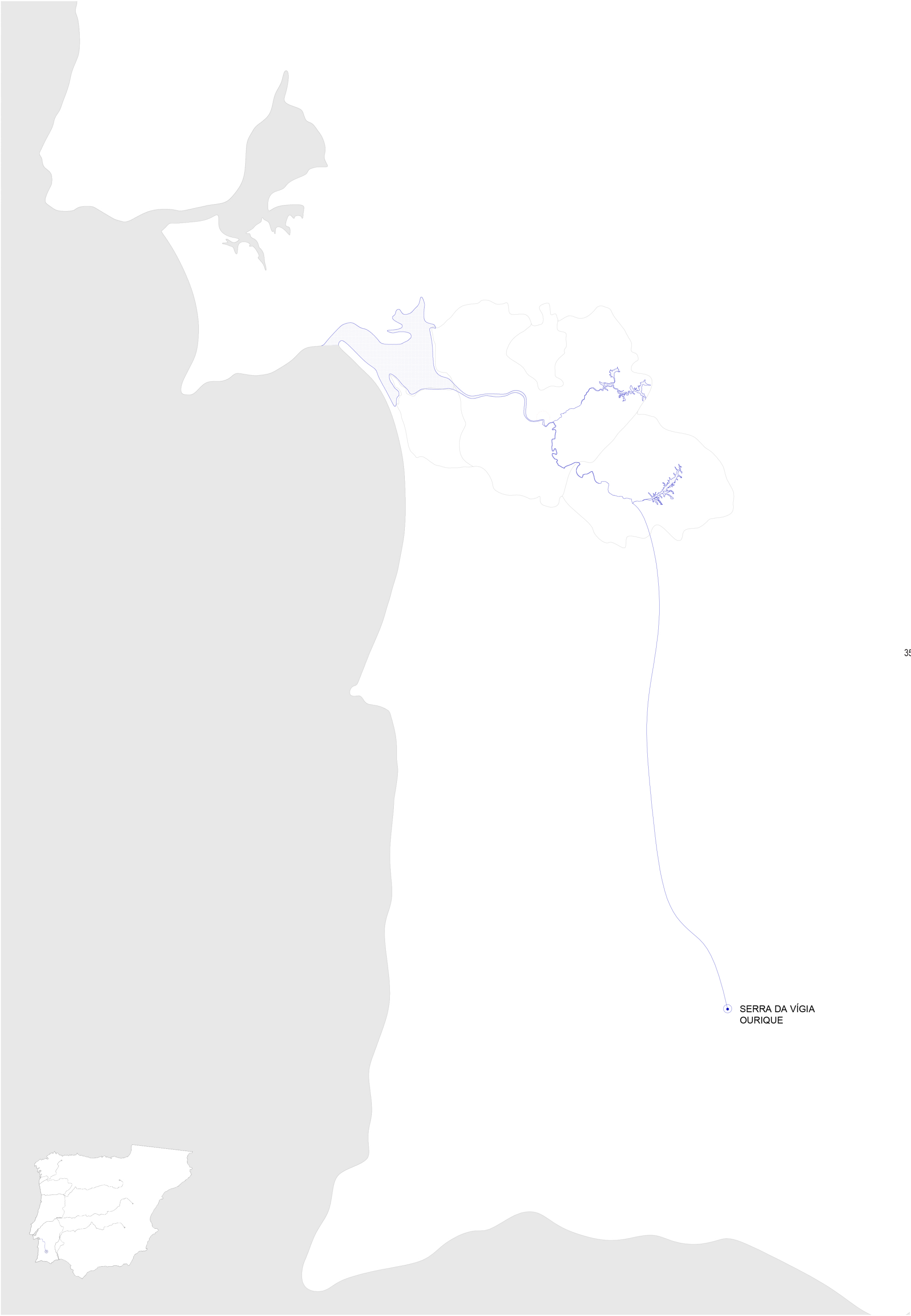
O Sado, inteiramente português, apresenta uma característica inerente a poucos rios da Europa, pois o registo de orientação do seu caudal indica um percurso que decorre de Sul para Norte, à semelhança do rio Mira, contrariando a direção do percurso do caudal de Leste para Este apresentado pelos rios de maior importância em Portugal, entre eles, o rio Tejo e o Rio Douro.

Com origem na Serra da Vígia em Ourique, o rio Sado nasce a uma altitude de 232 metros, percorrendo cerca de 180 quilómetros até encontrar o Oceano Atlântico, local onde deságua.

É na transição do ambiente fluvial para o ambiente marinho, através de um único braço, que surge o estuário do Sado, constituído por variados ecossistemas dinâmicos, onde ocorrem deslocações de massas de água, tanto salgadas como doces, e sedimentos, quer na direção da terra como na direção do mar.



PD5 | Esquema do Rio Sado.
PD6 | Esquema comparativo do percurso do Rio Sado, em relação a outros rios de grande importância em Portugal.



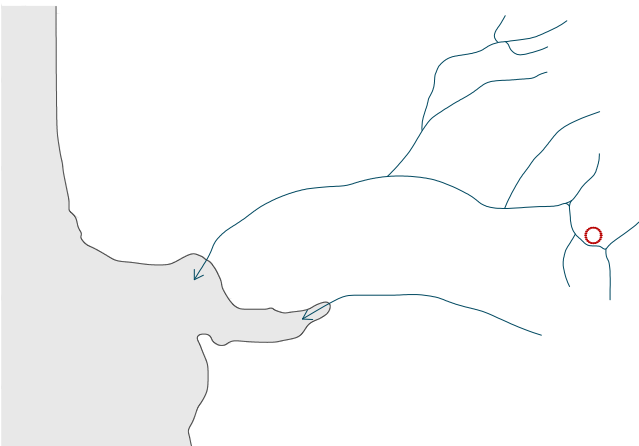
LIMITE FLUVIAL
Evolução do Sado

O Sado, conhecido atualmente por se apresentar como uma paisagem composta por diversos meandros e caracteristicamente instável, é consequência de uma mutação natural resultante de alterações climáticas e mudanças no nível das águas do mar durante vários séculos.

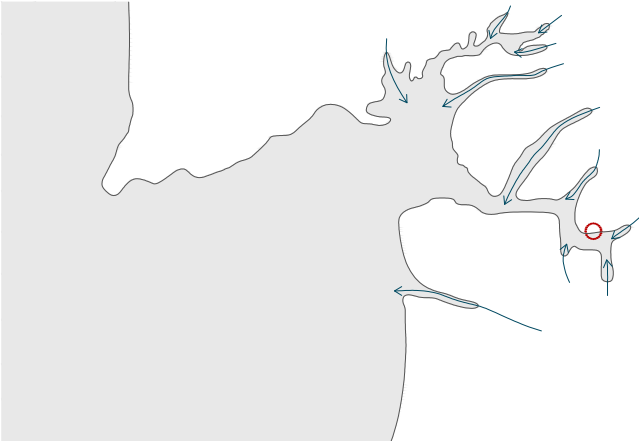
Calcula-se que o estuário do Sado tenha origem entre os 10 000 e 6 000 anos a.C., pois anteriormente a sua formação não seria possível devido à existência de um clima demasiado seco, acampanhado de ventos fortes que favoreciam o aparecimento e a permanência de sistemas dunares. Foi apenas acerca de 15 000 anos, com uma melhoria das condições climáticas, e posteriores degelos originados por estas mesmas alterações, que se começou a constatar consequentes mudanças na evolução do litoral estuarino. Estas alterações vieram favorecer o aparecimento de sedimentos arenosos ao longo da costa, propiciando a formação do estuário e sua respetiva evolução até alcançar a forma que conhecemos atualmente. Uma das alterações mais marcantes ao nível do território foi a progressiva evolução da formação de uma restinga arenosa, em direção a Norte, atualmente com 10 quilómetros de comprimento e conhecida como a Península de Tróia, que permitiu a consolidação da ribeira da Comporta e consequente origem dos sapais de Vale de Carvalho, bastante importantes na afirmação do aparecimento, e respetiva estabilidade de todo um diversificado ecossistema, que se veio a desenvolver até à atualidade, em todo o estuário.



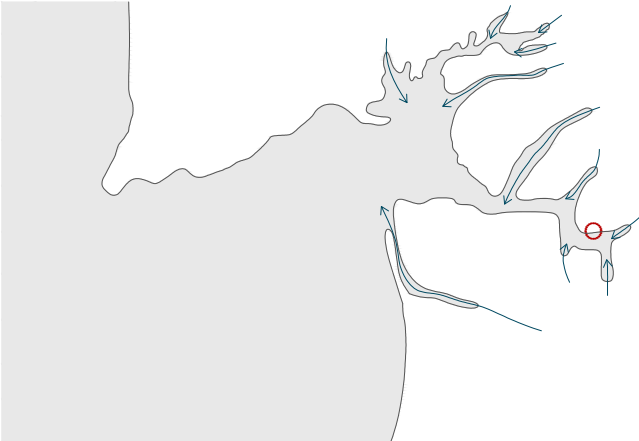
- PD7 | Esquema linha de costa 20 000 anos a.C.;
- PD8 | Esquema linha de costa entre 10 000 e 6 000 anos a.C.;
- PD9 | Esquema linha de costa entre 5 500 e 4 000 anos a.C.;
- PD10 | Esquema linha de costa entre 4 000 e 1 500 anos a.C.;
- PD11 | Esquema de linha de costa actualmente.



PD. 7



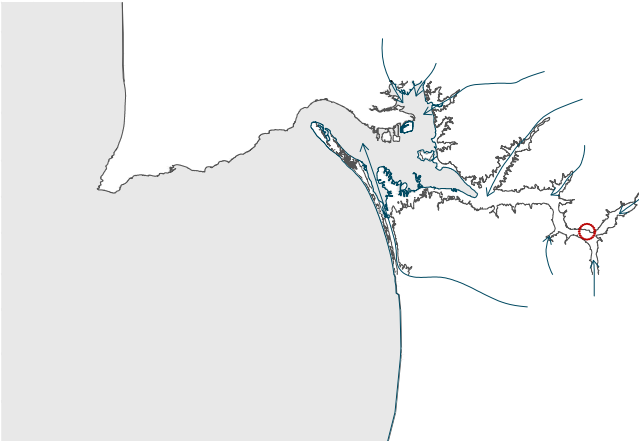
PD. 8



PD. 9



PD. 10



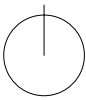
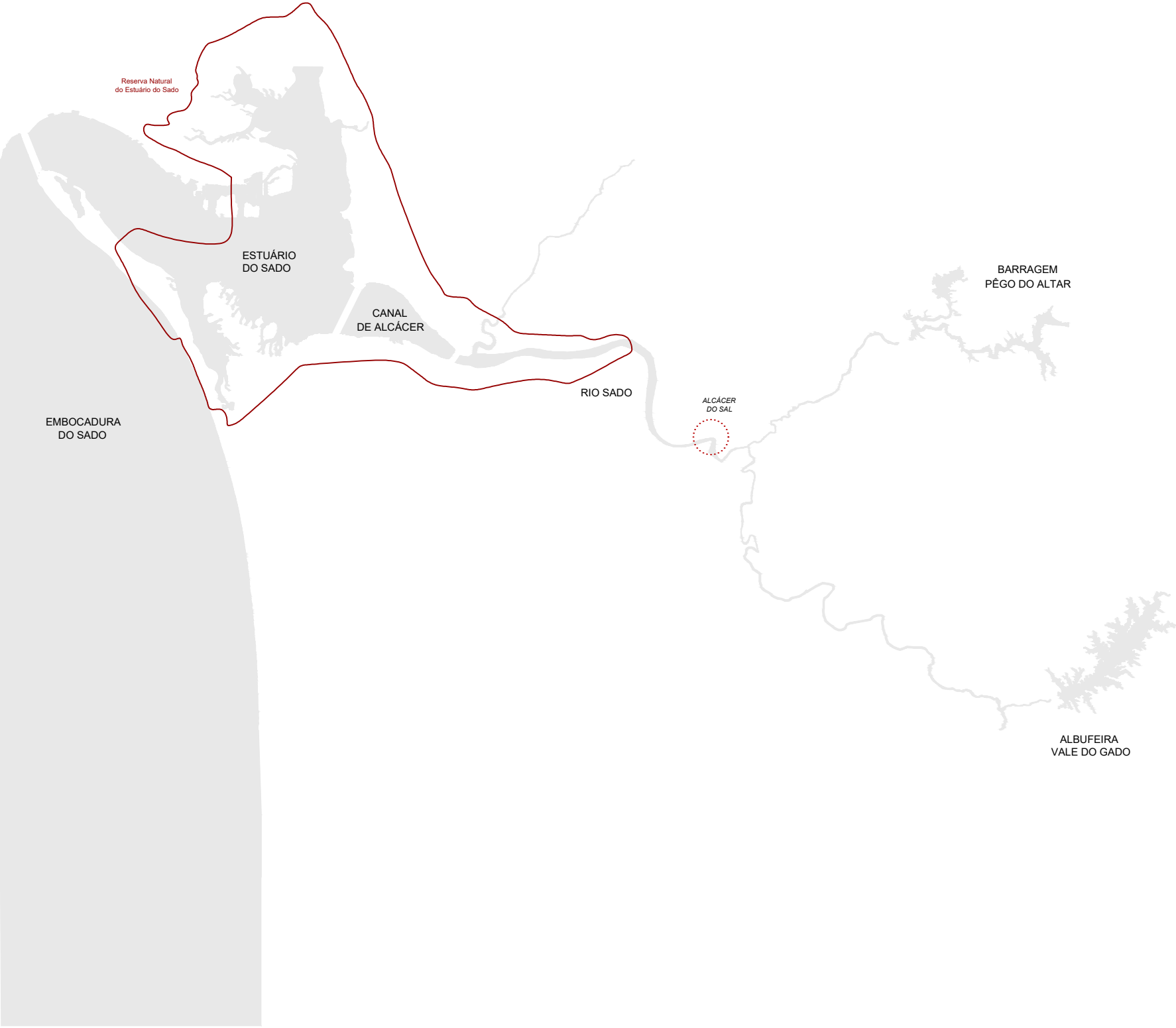
PD. 11

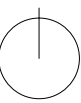
LIMITE FLUVIAL
Divisão do Sado

O estuário do Sado, segundo maior de Portugal, apresenta a maior bacia hidrográfica totalmente portuguesa, contida numa área aproximada de 160 quilómetros quadrados, com 20 quilómetros de comprimento e uma largura média de 8 quilómetros. Morfologicamente e topograficamente o estuário Sado apresenta-se dividido em duas regiões com características distintas: o canal de Alcácer, que faz a ligação do rio Sado ao estuário e o estuário propriamente dito, caracterizado por uma ampla baía com propriedades lagunares que permitem a ligação ao oceano Atlântico. A região estuarina revela uma complexa topografia, repleta de extensas margens arenosas pouco fundas e sapais a montante, bem como um banco de areia, a jusante, que separa dois canais - canal Norte e canal Sul - que apresentam uma natureza hidrodinâmica distinta entre estes.

Cerca de um terço do estuário do Sado é composto por estas extensas margens arenosas pouco fundas e pelos sapais a montante, estando estes na sua maioria incorporados na Reserva Natural do Estuário do Sado. Em 1984, para garantir e promover a conservação da natureza e a sustentabilidade dos recursos existentes no Estuário do Sado, bastante afetados e ameaçados pelas atividades económicas existentes na sua envolvente, foi criada a Reserva Natural do Estuário do Sado. Esta encontra-se contida numa área de 23 160 hectares, dos quais fazem parte, 13 500 hectares de área estuarina e 9500 hectares de zonas húmidas localizadas nas margens do Sado, transformadas por áreas terrestres e por estreitos caminhos de água doce, em áreas ligadas à salicultura, piscicultura e ainda orizicultura.

A Reserva Natural do Estuário do Sado apresenta um elevado valor ecológico, científico e económico para esta região, tornando-se, na reserva natural, com a mais elevada importância ambiental, devido à sua dimensão, localização geográfica e condições naturais que propiciam o crescimento e reprodução de diversas espécies vegetais e animais.





PD13 | Esquema da área de pescas;
PD14 | Esquema da área de recolha de moluscos;
PD15 | Esquema da área de recolha de crostácios;
PD16 | Esquema da área de piscicultura

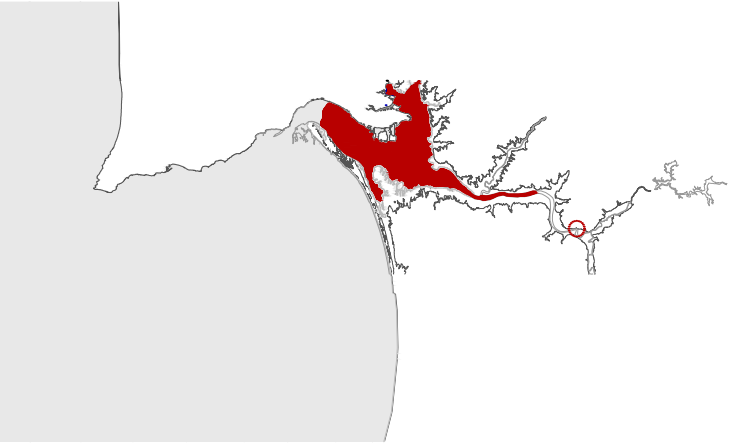
LIMITE FLUVIAL
Recursos Halieuticos do rio Sado

A Reserva Natural, contida entre a região do Baixo Sado e um aglomerado de terrenos agrícolas e florestais, apresenta-se como uma vasta área de grande valor paisagístico e histórico, revelando uma ampla riqueza e biodiversidade, que tornam o estuário do Sado um dos ecossistemas mais ricos e produtivos, com uma flora e fauna bastante variada. É no confronto entre a água do rio e a do mar, por entre canais, bancos de areia e praias, dunas costeiras, esteiros e sapais que surgem as condições ideais para a criação de habitats de variadas espécies de mamíferos, aves, moluscos, crustáceos e peixes.

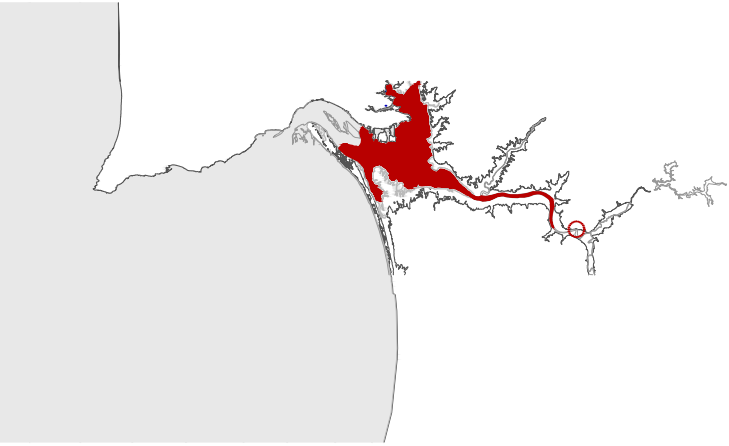
Este território trata-se de um notável produtor de inúmeras espécies alimentares de grande importância, possuindo as condições indicadas para o surgimento de inúmeras atividades de exploração agrícola, florestal, piscícola, apanha de moluscos e crustáceos, bem como atividades de salicultura, aquacultura e piscicultura.

Atualmente a pesca trata-se de uma das atividades mais importantes desta região, tal como acontecia no quotidiano da população medieval, no qual o rio Sado se enchia de embarcações de pescadores, descarregando e transportando o peixe apanhado quer nas águas salgadas do estuário, como nas águas doces do rio Sado.

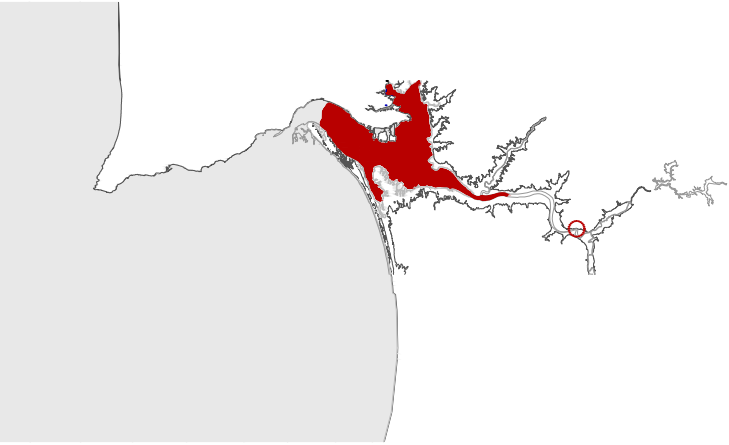
Para além da pesca, também a piscicultura se tem revelado uma atividade de destaque, em virtude do estuário do Sado se tratar de umas das regiões de Portugal mais propícias ao desenvolvimento desta atividade, devido ao seu clima ameno e à congruente qualidade das suas águas, que mesmo com o impacto das indústrias, continua a manter o nível de qualidade e as condições favoráveis à prática desta atividade.



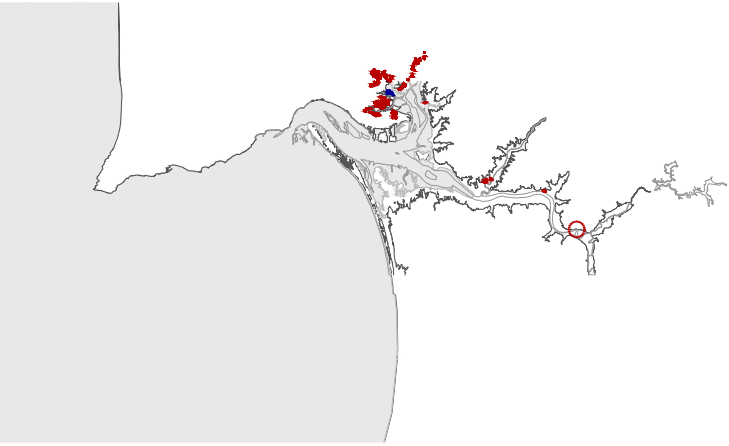
PD. 13



PD. 14



PD. 15



PD. 16

LIMITE FLUVIAL
Navegabilidade

Este território, devido a múltiplas características, foi desde cedo testemunha privilegiada da passagem e permanência de variadas civilizações, através da sua ampla entrada estuarina que permitia uma maior comunicação com o resto do mundo.

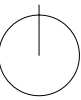
Esta entrada apelidada de “Embocadura do Sado”, onde se encontra a baía de Setúbal, funciona atualmente como principal acesso ao porto de Setúbal, bem como a outros portos existentes e ativos ao longo do estuário do Sado, como os portos da Carrasqueira, Mourisca, Gâmbia e Alcácer do Sal. Nesta, encostada à margem direita, na zona do Outão, surge o talvegue que se apresenta como a margem mais profunda do estuário do Sado, com uma profundidade máxima de 50 metros, contrariamente à profundidade média revelada, que não excede os 8 metros.

No que respeita à navegabilidade, que se caracteriza pelo confronto contínuo entre o limite introduzido pelo *calado*⁵ das embarcações e a profundidade variável do rio, as particularidades singulares do rio Sado possibilitaram ao longo dos tempos o aparecimento de variados conjuntos de embarcações distintas utilizadas no transporte permanente de mercadorias, tais como as bateiras, canoas, laitaus, o iate de Setúbal (séc. XVIII), não esquecendo os galeões (séc. XIX), as primeiras embarcações de pesca de cerco, posteriormente usadas como transporte de sal.

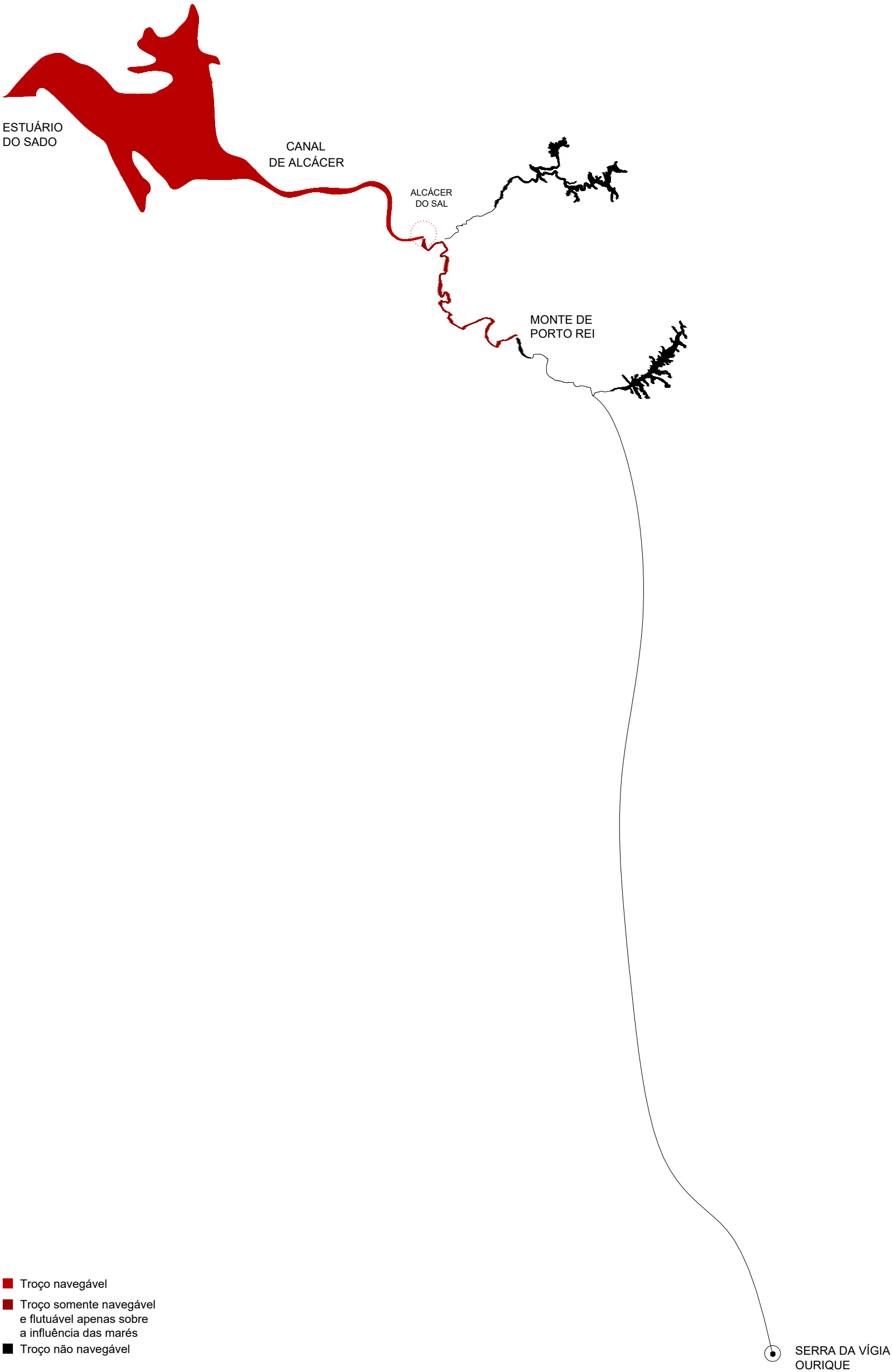
É de realçar que nem todo o curso do rio Sado é, ou alguma vez foi, inteiramente navegável, apresentando-se dividido em três zonas no que diz respeito à navegabilidade. A primeira, compreendida entre a nascente do rio, na serra da Vigia, e o porto de S. Bento localizado em Monte de Porto Rei, no Torrão, trata-se de um troço não navegável ou flutuável, devido ao seu fraco caudal e pouca profundidade. O segundo troço compreendido entre o porto de S. Bento e a ponte da EN, na cidade de Alcácer, apresenta-se atualmente como um troço somente navegável e flutuável apenas sobre a influência das marés, devido aos sucessivos assoreamentos do rio e à existência de bastantes cepos submersos. Este troço, até meados do século XX, era navegável, tornando-o numa importante via de acesso à faixa piritosa ibérica, que apresentava uma elevada riqueza mineira. E por último, o troço mais importante navegável e flutuável mesmo com maré vazia, que agrega todo o canal de Alcácer e respetivo Estuário do Sado. É neste troço que se encontra, predominantemente, o tráfego marítimo associado ao rio Sado, e maioritariamente ligado ao Porto de Setúbal, situado no término do estuário do Sado.

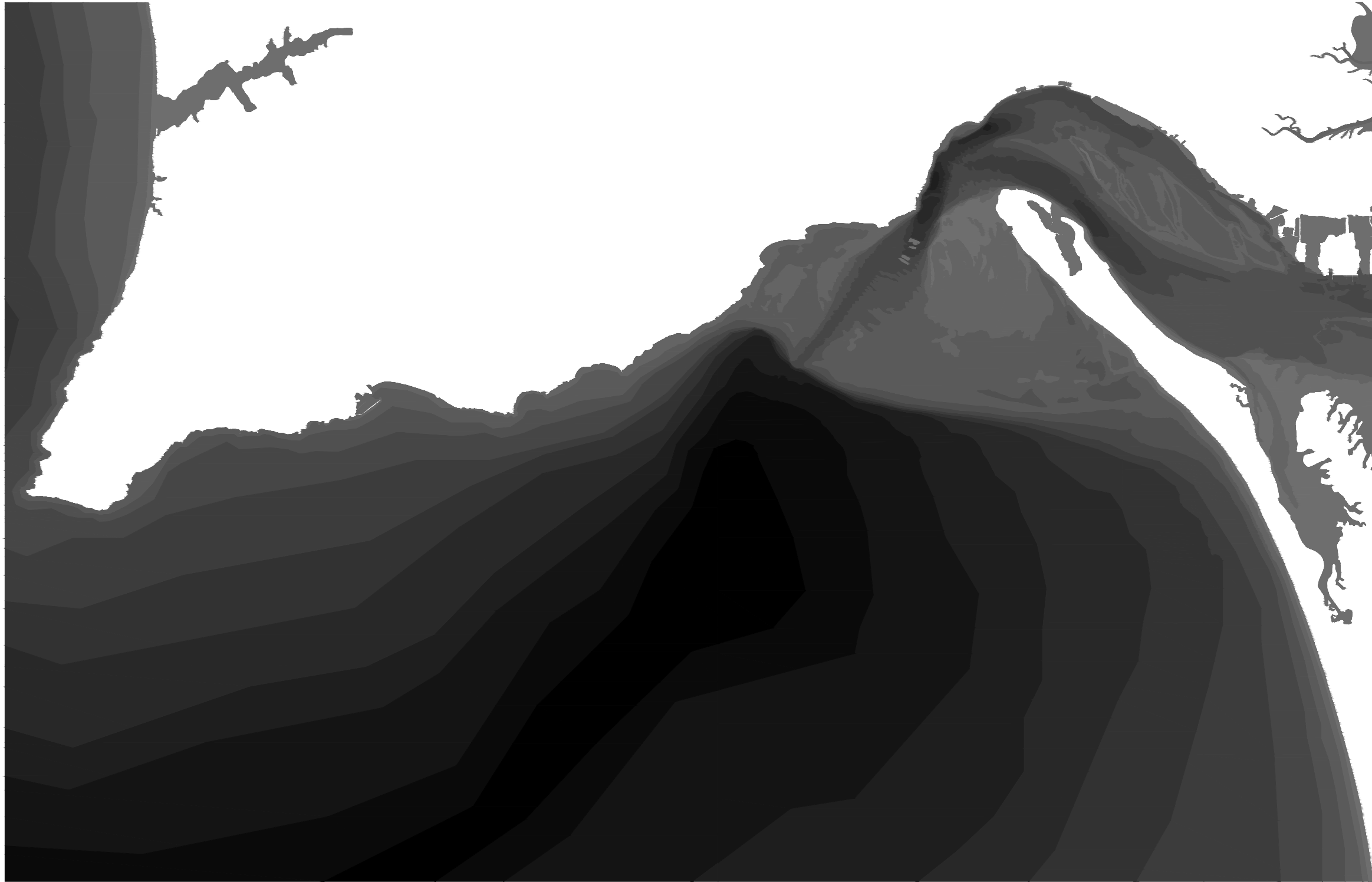
Este apresenta três canais de navegação distintos, compostos pelo canal da Barra, que faz a ligação do estuário ao mar, com uma profundidade de 12 metros, e pelo canal do Norte, que se estende da baía de Setúbal à Península de Mitrena e apresenta uma profundidade de 11 metros, ambos mantidos por drenagens constantes. Contrariamente ao canal Sul, separado por bancos de areia do canal Norte, que se prolonga desde a península de Tróia, passando pela Península da Mitrena, até ir ao encontro do esteiro da Marateca e do Canal de Alcácer.

5 CALADO,m.. NÁUTICA- Distância entre a quilha do navio e a linha de flutuação; espaço ocupado pelo navio dentro de água. In INFOPÉDIA-Dicionários da Língua Portuguesa [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. [Consult. Ago. 2018]. Diponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Calado>



PD17 | Esquema de navegabilidade do rio Sado
PD18 | Esquema da batimetria do rio Sado





■ 0 M ■ -2 M ■ -5 M ■ -10 M ■ -15 M ■ -20 M

■ -30 M ■ -40 M ■ -50 M ■ -60 M ■ -70 M ■ -80 M





IMG. 13



IMG. 14



IMG. 15

IMG. 13; 14; 15 | Arrozaís atualmente

LIMITE PRODUTIVO
Caracterização da área de produção

Foi acerca de 3500 a.C., a partir do abandono das cavernas, para a exploração do território, que o Homem provocou as suas primeiras alterações na paisagem, fazendo com que esta se transformasse, humanizasse e acima de tudo se adaptasse às suas necessidades, onde o espaço agrícola se apresenta como uma das primeiras transformações marcantes ao nível da paisagem. O cultivo de uma variada seleção de produtos agrícolas, que outrora se desenvolviam em condições naturais, vieram proporcionar um maior enriquecimento do território, bem como uma alteração completamente distinta e diversificada do desenho do cultivo na paisagem agrária. Outra das alterações representadas na paisagem prendem-se com a evolução das sociedades e respetivo aumento da população, que se pôde observar ao longo de séculos, propiciando e obrigando consequentemente à necessidade do aumento da produção. Este episódio vem garantir o surgimento inevitável de o Homem se adaptar às práticas agrícolas, através da criação de sistemas hidráulicos, que permitem irrigar as mais variadas dimensões de campos de cultivo, trabalhando-os e adaptando-os às necessidades impostas pelos terrenos de produção agrícola. Maioritariamente são exigidos terrenos planos para cultivo, mas no caso de terrenos localizados em planaltos, é inevitável a construção de socalcos que redesenham a paisagem. Desta forma constata-se que a agricultura em socalcos se trata da adaptação da atividade produtiva a terrenos irregulares, no que diz respeito à sua altimetria, enquanto que a agricultura de *aluviação*⁶, bastante presente neste território, se expressa através da adaptação da atividade produtiva à subida das águas do rio.

A paisagem agrícola, juntamente com todas as outras paisagens, apenas pode ser interpretada num contexto coletivo, pois esta é constituída por um conjunto de elementos naturais, ou oriundos do meio natural, que dialogam e se compatibilizam com os elementos humanos. Neste contexto podemos distinguir uma estrutura - paisagem rural - representada por variadas práticas agrícolas, das quais fazem parte uma multiplicidade de texturas que delineiam a paisagem e caracterizam os seus diversificados usos, como os terrenos lineados e reticulados, e/ou as manchas de montados e hortos que anunciam e criam a proximidade e ligação entre o espaço rural e o espaço urbano.

⁶ ALUVIÃO, f.. GEOLOGIA- depósito de materiais provenientes da destruição das rochas e transportados pelas águas correntes para determinado lugar, originando por vezes jazigos de valiosos minérios (jazigos sedimentares). In INFOPÉDIA-Dicionários da Língua Portuguesa [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. [Consult. Jan. 2018]. Diponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Aluvi%C3%A3o>

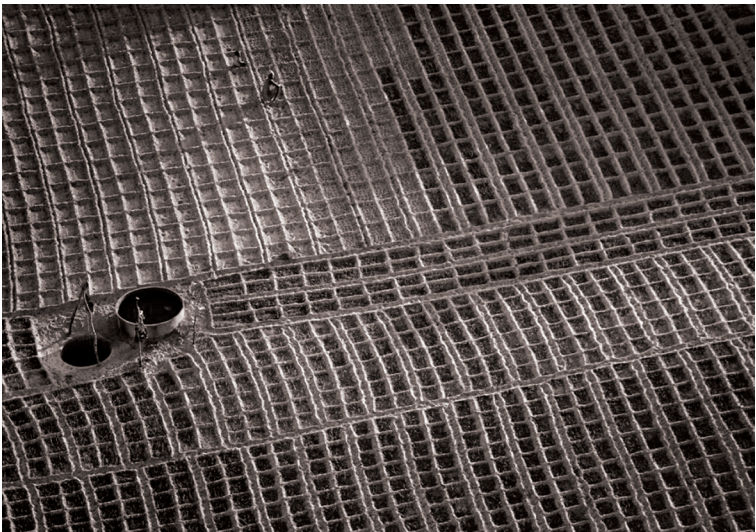
IMG.16 | Paisagem agrícola- Terreno de cultivo plano;
IMG.17 | Paisagem agrícola- Terreno de cultivo em socalco;
IMG.18 | Paisagem agrícola- Terreno de cultivo hortícola.



IMG. 16



IMG. 17



IMG. 18

Devido à localização geográfica deste território, a presença predominante do recurso hídrico propiciou a criação de condições geradoras de uma fonte inesgotável de recursos que forneceram os suportes necessários ao desenvolvimento de variadas atividades, dependentes deste para a sua subsistência, tais como a pesca, o comércio, os moinhos, bem como as numerosas salinas que se estendiam ao longo das margens do rio Sado.

A ponte de Alcácer, tal como acontece hoje, vastos sapais e zonas alagadas preenchiam as margens do Sado, abrangidos por um clima quente e seco, acompanhado de fortes brisas que proporcionavam o aparecimento de salinas. Para além do sal ser o produto que deu origem ao nome da cidade, este foi também um dos elementos que contribuiu para o desenvolvimento económico desta região, devido às suas capacidades de conservação e condimentação alimentar.

Os primeiros registos referentes a salinas remontam ao início do século XV, tendo a sua maior potência, na segunda metade do século XVI, quando estas começam a ganhar terreno e a preencher as margens do rio de manchas de água esbranquiçada que contrastavam com os tons de terra anteriormente existentes.

Esta atividade apresenta muitas semelhanças com a atividade agrícola, onde ao contrário do que acontece nas salinas de Aveiro, onde são efetuadas dezenas de recolhas ao ano, em Alcácer, as salinas eram trabalhadas todo o ano para se proceder à recolha do sal apenas em três colheitas, através do aproveitamento da forte evaporação nos meses quentes e secos de Verão. Este processo fazia com que houvesse uma maior quantidade e uma maior qualidade do produto, garantindo desta maneira uma melhor qualidade de salga dos alimentos.

As salinas de Alcácer do Sal chegaram em tempos a ser as maiores produtoras nacionais, tornando o seu sal um dos principais produtos de exportação portugueses. Mas foi em meados do século XX, devido ao aumento dos custos de produção e à respetiva desvalorização do produto como consequência da sua industrialização, que se deu o início do declínio desta atividade. Da exploração do Sal composta por mais de 300 salinas, restam apenas menos de 10 no ativo, tendo todas as outras sido abandonadas ou adaptadas à produção de outras culturas como o arroz ou a piscicultura.

IMG.19; 20; 21 | Antiga salinas em Alcácer do Sal



IMG. 19



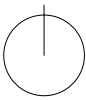
IMG. 20



IMG. 21

Na periferia da cidade de Alcácer, para além das salinas que preenchiam as margens do Sado, a paisagem era densamente composta por vinhas, olivais, hortas e ferragiais, próprios de uma policultura existente na Idade Média beneficiada pela qualidade dos solos e do clima tão propícios a estas culturas. Estes contribuíam para a valorização da propriedade agrícola, dentro de uma economia de mercado, principalmente o vinho, devido ao aumento de consumidores deste produto nos diferentes estratos sociais, tornando-se bastante lucrativo a sua comercialização. Claro que associado a esta atividade não podiam faltar os lagares de vinho, bem como os lagares de azeite associados à produção de azeitonas. Ainda nas periferias de Alcácer, podia encontrar-se com bastante ambulância, herdades de pão, que continham moinhos hidráulicos, situados junto das águas do Sado, que se destinavam à moagem de cereais. Bem como pisões, associados a estes, que representavam um avanço na atividade têxtil, substituindo o pisar humano pelo pisar de maços de madeira, que limpavam os panos.

Atualmente, da extensa exploração do Sal efetuada neste território restam apenas memórias e registos tanto fotográficos como escritos, dando lugar aos arrozais verdejantes que se estendem por toda a costa do estuário do Sado. Estes apresentam-se como culturas de regadio, mais concretamente de solo submerso, onde a água se encarrega de regularizar e amortizar as variações da temperatura ambiente. A orizicultura, neste território funciona também como protetor de variadas espécies de plantas que controlam as fortes chuvas e apoiam no combate das ervas daninhas e das pragas animais. Os antigos talhões das salinas de forma quadrangular, são atualmente o método de divisão do terreno, nivelados e abastecidos por redes de rega e drenagem, onde o arroz é semeado e onde após a fixação das suas raízes o seu regime é permanentemente submerso. Este processo de sementeação dá-se no final do Inverno para que até ao verão o arroz vá crescendo e posteriormente se proceda a maturação. Durante este intervalo de tempo, os centeiros são periodicamente interrompidos para alimentação e aplicação de adubos e inseticidas. Neste momento os arrozais do concelho de Alcácer do Sal, continuam a destacar-se como os maiores a nível nacional, bem como a produzir e contribuir para a economia do país. Por sua vez os sapais adjacentes aos arrozais e localizados a poente de Alcácer, permanecem fontes vibrantes de vida, assegurando a origem de vastas cadeias alimentares.



IMG.22 | Limite Produtivo- Arrozais em fase de cultivo;
IMG.23 | Limite Produtivo- Arrozais em fase de crescimento;
IMG.24 | Limite Produtivo- Arrozais em fase de colheita

PD.19 | Área de Produção de sal. Esc. 1/ 115 000



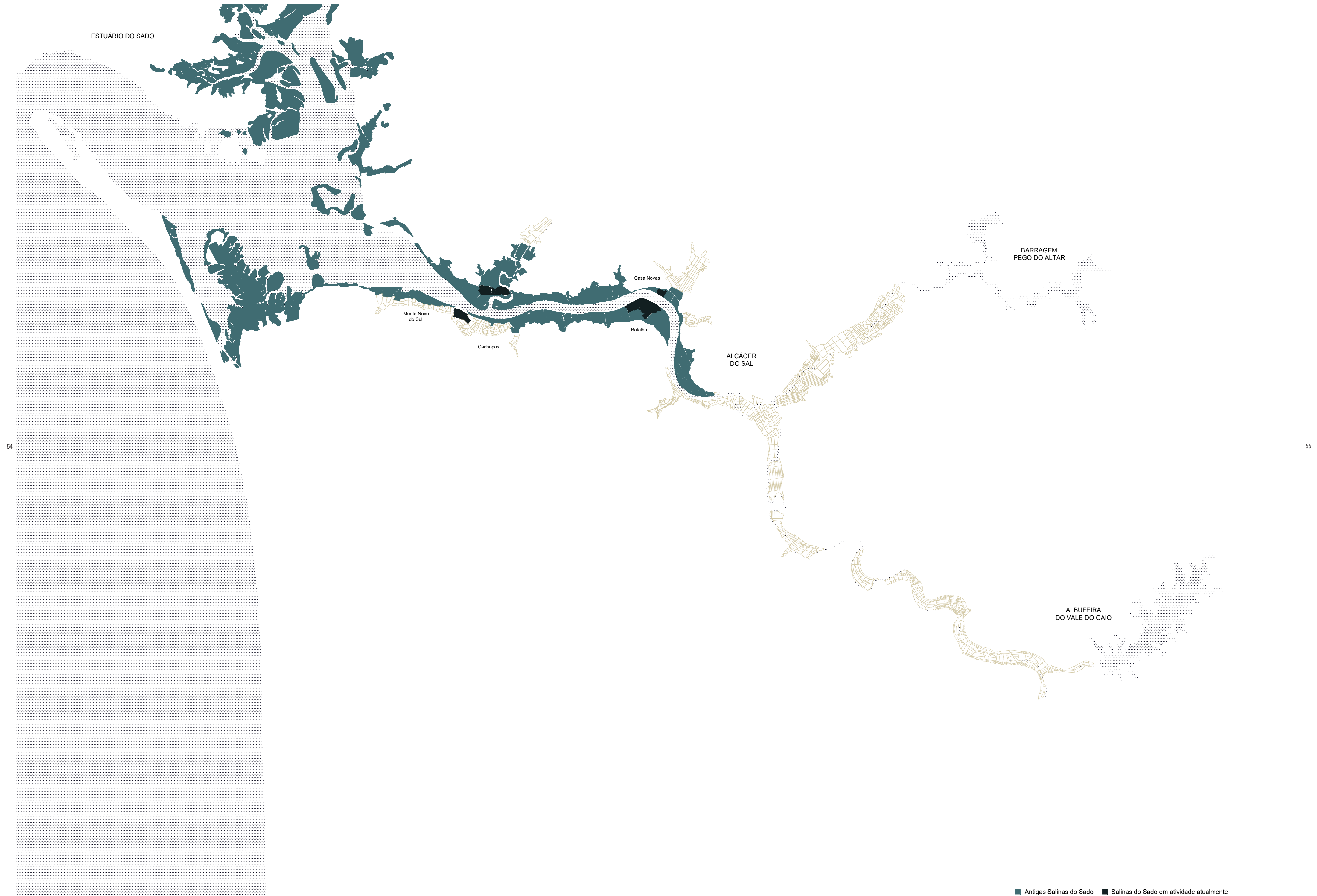
IMG. 22



IMG. 23



IMG. 24



ESTUÁRIO DO SADO

Casa Novas

Monte Novo do Sul

Cachopos

Batalha

ALCÁCER DO SAL

BARRAGEM PEGO DO ALTAR

ALBUFEIRA DO VALE DO GAIO

■ Antigas Salinas do Sado ■ Salinas do Sado em atividade atualmente



IMG. 25



IMG. 26



IMG. 27

LIMITE URBANO
Caracterização da cidade no território

Como já foi dito anteriormente a água foi um dos elementos impulsionadores da origem e do desenvolvimento da cidade de Alcácer do Sal, estando a sua história inteiramente ligada à relação que esta manteve ao longo dos tempos com o rio Sado. Situada na zona mais ocidental da Europa, a sua espantosa localização geográfica, permitiu que durante séculos, a cidade de Alcácer do Sal fosse um dos pólos mercantis mais importantes das rotas comerciais do Atlântico e Mediterrâneo. O seu porto, para além de ser muito importante no que diz respeito às relações comerciais, foi também o elemento fundador da identidade e cultura desta cidade. Assim, como se pode verificar noutras cidades portuárias, foi através dos limites do rio, que o crescimento urbano se foi construindo de forma linear, procurando tirar o máximo proveito e uma maior proximidade com as atividades marítimas e comerciais que ali se desenvolviam.

Embora a principal via de comunicação em Alcácer tenha sido a via fluvial, na época medieval, muitas outras estradas e caminhos ligavam esta cidade, tanto a outras localidades do concelho, como a todo o país. Estes estavam agregados a uma rede de comunicação onde circulavam pessoas e mercadorias, numa malha de caminhos que permanecem até à atualidade.

Ao contrário do que se esperava, até ao início do século XV, o único local designado de vila de Alcácer, era a colina do castelo, onde para além deste, se localizavam todas as suas habitações entre muralhas, devido à implantação de termos defensivos e administrativos, criada pelos cristãos com o objectivo de evitar novos ataques.

Passado este clima de insegurança que se fez sentir com a reconquista cristã deste território, e posterior manutenção de paz, o rio Sado voltou a ganhar uma maior importância e vitalidade sobre o castelo, recuperando a sua função principal de elemento central na história de Alcácer do Sal. Com ele, a zona ribeirinha voltou também a ganhar uma maior importância centrada na atividade económica, com a dinamização das atividades piscatórias e portuárias, bem como com a construção naval e a exploração de recursos existentes. Tal como acontecera na época romana e muçulmana, estas mudanças levaram a que a maioria dos seus moradores abandonassem a colina do castelo, para se fixarem na mancha habitacional que se começava a implantar ao longo da frente ribeirinha da cidade de Alcácer, devido aos assoreamentos desenvolvidos a partir dos finais do século XV.

Neste período, esta *"Era um lugar cheio de vida, onde embarcava o peixe, fonte de subsistência, onde se localizavam os estaleiros de construção naval, para onde se abriam as praças e desembocavam ruas, onde se construíam os edifícios de maior prestígio e as casas das gentes mais abastadas de Alcácer. Delas partiam as ligações que punham o rio em contacto com Setúbal e Lisboa, com o além-mar ou o Norte da Europa."*⁷

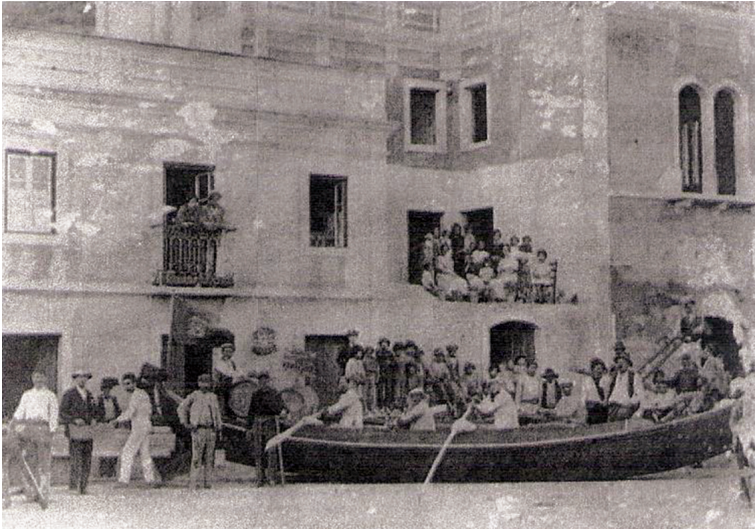
⁷ PEREIRA, Maria T. L., Alcácer do Sal na Idade Média. Lisboa: Edições Colibri, 2000. p. 85



IMG. 28



IMG. 29



IMG. 30

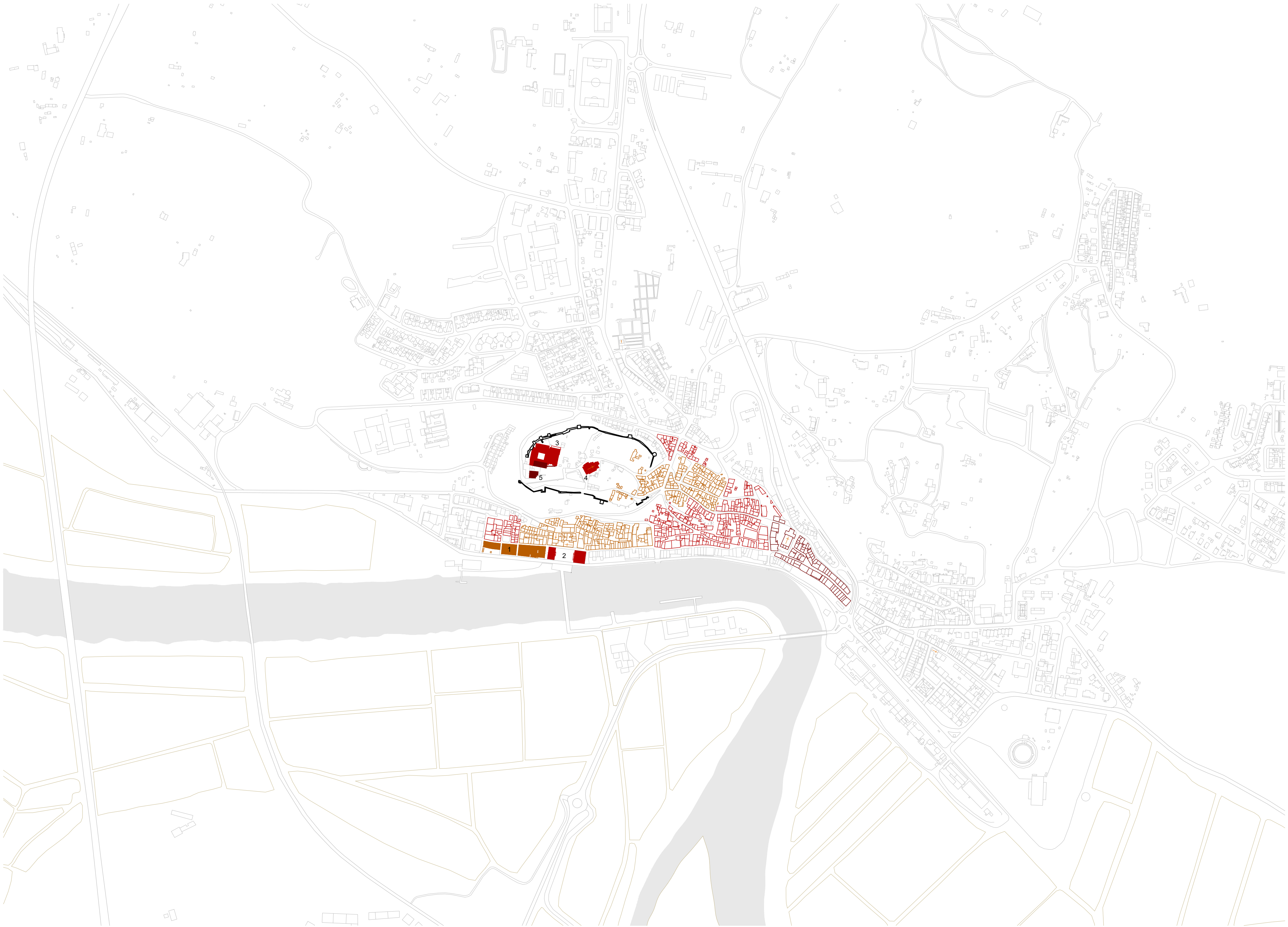
Conhecida como um dos principais elementos da paisagem urbana, a Rua, trata-se de um elemento determinante para a compreensão geral das ligações de todos os aglomerados. Como se pode constatar através dos registos históricos existentes, a via pública medieval tratava-se, na sua maioria, de um espaço estreito, sinuoso e pouco limpo. Em Alcácer, a rua designada como “Rua Direita” – eixo principal da vila-situava-se paralelamente ao rio Sado, apresentando-se como uma linha estreita que se abria em relação ao rio, em duas praças- Praça da Ribeira e Praça da Vila. A Praça da Vila, atual Praça Pedro Nunes, encontrava-se rodeada de edifícios públicos e apresentava-se como o coração de Alcácer, reunindo locais e forasteiros, comerciantes e investidores, num espaço amplo que se abria para o rio, permitindo observar as chegadas e partidas das embarcações, bem como todas as cargas e descargas de mercadorias que aqui se realizavam. Apesar de serem poucos os elementos urbanos conservados do passado citadino de Alcácer, é possível compreender através de memórias fragmentadas arquivadas, que a cidade de Alcácer, ainda mantém determinadas características da malha medieval urbana.

Após uma análise da evolução da cidade de Alcácer do Sal pode constatar-se que, se por um lado entre o século XV e o século XVII houve uma grande desenvolvimento no que diz respeito à evolução da malha urbana da cidade de Alcácer, por outro, entre o século XVIII e o século XIX notou-se um enorme decréscimo no desenvolvimento da mesma, que apenas foi retomado já no século XX. Efetivamente desde o século XX, até à atualidade, pode observar-se um grande desenvolvimento da malha urbana na cidade de Alcácer, através da consolidação de quarteirões, largos, praças e variadas construções a nascente, atualmente designadas de centro histórico. Este período fica também marcado pelo progressivo crescimento urbano em áreas periféricas da cidade, deslocadas do centro histórico. Para além do rio Sado e da colina do Castelo, que até à data tinham sido os dois únicos elementos impulsionadores do desenvolvimento da cidade, neste período surge um novo elemento, a estrada Nacional, que veio marcar um grande impacto no desenvolvimento do traçado urbano. Este veio provocar uma fragmentação da cidade em duas partes claramente distintas, pois se até à data se privilegiava a existência de uma relação de proximidade entre a malha urbana e o rio Sado, como se pode constatar na zona Oeste da cidade, o mesmo não se sucedeu com o posterior desenvolvimento da cidade para Este. Aqui, a malha urbana começa por abandonar a zona fluvial, anteriormente ocupada pela produção agrícola, e inicia o seu crescimento urbano para Nordeste, ao longo de uma parte da trajetória da estrada Nacional 5, voltando costas ao Rio Sado que outrora tinha sido tão importante para o seu desenvolvimento.



PD.20 | Planta evolutiva da cidade de Alcácer do Sal. Esc. 1/ 5 000

- LEGENDA
- 1. PERÍODO MUÇULMANO: Forte Marítimo e Estaleiro;
PERÍODO CRISTÃO: Estaleiro e Porto de Pescadores;
 - 2. PERÍODO CRISTÃO: Cais Real;
 - 3. PERÍODO CRISTÃO: Paço Real
PERÍODO TARDO- MEDIEVAL: Convento Santiago;
 - 4. PERÍODO CRISTÃO E TARDO- MEDIEVAL: Igreja Sta Maria;
 - 5. PERÍODO TARDO- MEDIEVAL: PAÇO.



VAZIOS URBANOS
Estratégia

“Hoje muito assoreado, perdeu importância como artéria de comunicação e como porto comercial, mas é testemunha privilegiada do ir e vir dos homens e das mercadorias no decorrer da longa duração.”⁸

Se até ao século XVII, as cidades apresentavam o porto como o seu núcleo, por se tratar de um elemento que se abria à cidade e que marcava a transição entre esta e a água, mais tarde, com a evolução e transformação da cidade, esta relação foi radicalmente modificada. Foi com o início da Revolução Industrial, que se deu o começo do crescimento desmedido de alguns centros urbanos e a extinção dos portos tradicionais, com a construção de mecanismos de apoios comerciais, marítimos e industriais, que começaram a ocupar cada vez mais as áreas portuárias, reservando-as a um tipo de indústrias que dependia diretamente do porto. Esta alteração originou a rutura definitiva da ligação das cidades com as suas frentes ribeirinhas e por conseguinte uma perda de identidade das mesmas, onde o porto deixou de ser o meio de transição entre o rio e a urbe, para passar a ser uma barreira limitadora, que impedia o contato tanto visual como físico, dos habitantes com a água.

Com o avançar dos tempos, e uma consecutiva evolução non-stop, dá-se uma alteração da forma como o conteúdo era transportado, originando a necessidade de procura de mais espaço para acondicionamento, bem como para a sua movimentação, que levaram à desativação de muitas indústrias, posteriormente reimplantadas nas periferias das cidades. É neste desencadeamento que o porto começa a perder a sua importância primordial, em consequência da evolução tecnológica, bem como do aumento de importância de outros transportes de mercadorias, como o comboio, o avião ou até mesmo o camião. Este fenómeno deu origem a espaços obsoletos, como inúmeros edifícios desocupados, vazios urbanos ou ainda espaços com ocupações inadequadas, provocando um consequente abandono das frentes ribeirinhas, bem como o envelhecimento e deterioração do tecido urbano destas zonas da cidade, até mesmo das cidades interiores.

⁸ PEREIRA, Maria T. L., Alcácer do Sal na Idade Média. Lisboa: Edições Colibri,2000. p. 56



Foi também neste contexto, com a chegada da Revolução Industrial, e as inevitáveis consequências adjudicadas a este tema, que ao longo dos tempos, Alcácer do Sal, bem como muitas cidades do interior, viu a sua condição de cidade virtuosa ser esquecida e apagada. O crescimento industrial incomensurável, que se desenvolvia nos grandes centros urbanos, bem como o aparecimento da linha férrea e de novos caminhos viários que permitiam uma deslocação mais rápida e eficaz, foram alguns dos elementos geradores de uma perda de importância drástica dos portos comerciais mais pequenos e consequentemente das suas cidades.

O porto de Alcácer foi um dos portos afetados por esta evolução histórica, resultando num decrescimento ou até mesmo numa extinção das atividades que nele se desenvolviam. Este acontecimento veio consequentemente dar origem a um crescente abandono e uma certa desertificação das cidades do interior por parte das suas populações, que partiam para os grandes centros urbanos à procura de melhores condições de vida. Esta eventualidade provocou tremendas alterações nas cidades, ainda espelhadas na atualidade, causadas pela falta de dinamismo, de intervenção e regeneração da malha urbana existente, devido à falta de iniciativa e de poder económico, bem como à preferência dos investidores por estratégias de descentralização, que deram início ao envelhecimento do tecido urbano, a áreas abandonadas e a espaços fragmentados sem qualquer identidade.

Assim sendo, a cidade conhecida por nós atualmente, revela a existência de lugares sem progressos, como pausas territoriais urbanas que não comportam qualquer justificação clara para a sua existência. Estas apresentam-se como espaços de rutura ou de transição entre as variadas malhas urbanas ou até mesmo entre espaços desaprendidos no próprio contexto urbano. A estes espaços chamamos-lhes vazios urbanos, por se tratarem de espaços de índole indeterminada, que se declaram como periféricos, autónomos ou externos a uma morfologia urbana previamente estabelecida.

Quando se pensa um vazio, pensa-se na ausência de algo, que pode ser a ausência de um propósito ou de uma função num determinado espaço. Este é ignorado por todos e à primeira vista insignificante aos olhos de um habitante comum, mas bastante válido do ponto de vista urbanístico.

A compreensão da cidade contemporânea dá-se através de um diálogo entre cheios e vazios que se complementam apesar de apresentarem características e realidades que os diferenciam. Ao analisarmos um vazio, percebemos que a sua ocupação e identidade enquanto espaço varia, podendo identificar-se dois tipos de vazios de caracteres distintos. Os vazios urbanos não programados apresentam-se como não-lugares contrariamente aos vazios urbanos programados, que se entendem como espaço público, dos quais são exemplos, uma praça, um largo, uma rua ou até mesmo um miradouro.

Com o sucessivo aumento dos vazios urbanos não programados ao longo da história da cidade surge a necessidade de entendê-los como uma nova entidade urbana, com o propósito de lhes desassociar o seu carácter negativo, procurando devolver-lhes uma nova vida e conferir-lhes uma essência vantajosa através de estratégias de revitalização urbana, que procuram reabilitar as suas fragilidades. Ao relacionarmos a arquitetura com um vazio, estamos a requalificar não só aquele espaço, mas também toda a paisagem envolvente, permitindo a oportunidade de criação de novas experiências espaciais e visuais.

A intervenção arquitetónica de um vazio urbano começa por identificar os seus limites, procurando torná-los úteis, funcionais e únicos através da sua vivência. Ao conferirmos novos limites a um espaço, sempre com a intenção de os enquadrar no espaço envolvente, estamos a possibilitar a criação de novos espaços, bem como uma diversificada possibilidade de novas experiências aos seus habitantes, que até aquele momento não existiam.

*“ Uma área sem limites claros, sem uso atual, vaga, de difícil compreensão na percepção colectiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível futuro.”*⁸

⁸ SOLÀ- MORALES, Ignasi. Terrain Vague. in Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007: Vazios urbanos. Lisboa : Caleidoscópio, 2007.



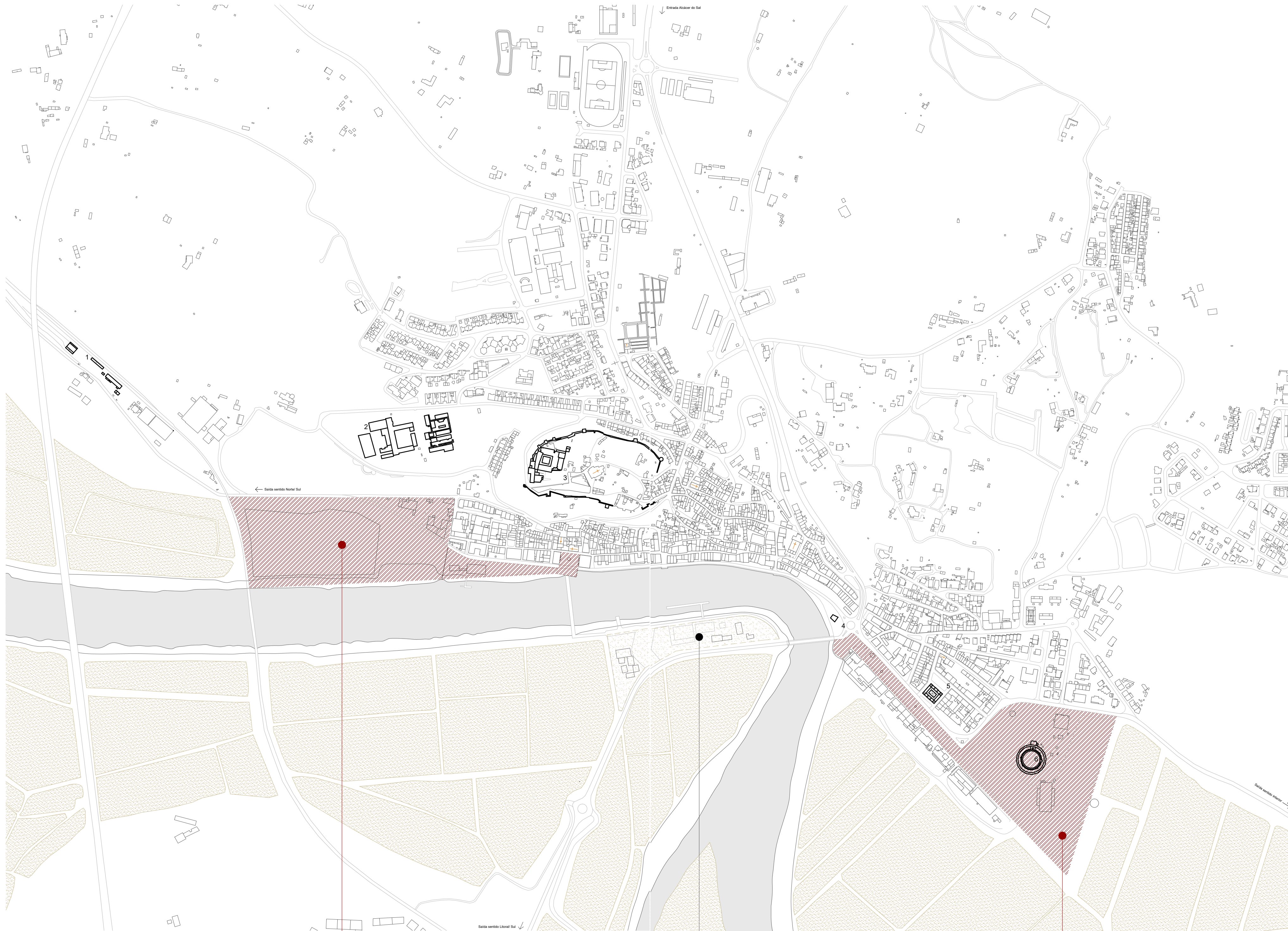
A consciencialização destas circunstâncias, nas últimas décadas, tem vindo a criar uma vontade de restabelecer a ligação outrora existente entre o rio e a cidade através de uma série de intervenções que procuraram valorizar e criar novas oportunidades de desenvolvimento na frente ribeirinha. Depois de uma análise à cidade de Alcácer do Sal, o trabalho identificou diferentes vazios urbanos que surgiam ao longo de toda a sua frente ribeirinha, dos quais se destacaram dois deles, por apresentarem um grande potencial para este debate, devido ao seu carácter não programado e à sua localização. Estes tratam-se de dois espaços limitadores localizados nas extremidades da cidade de Alcácer, que fazem a transição da zona rural para a zona urbana.

Esta intervenção tem como foco a criação de uma ligação harmoniosa entre o início da área agrícola e o fim da área urbana, através de um programa comercial local dedicado aos seus populares e visitantes.

A proposta tem ainda como objectivo a requalificação da marginal que se prolonga até ao encontro de uma praça. Do lado Oeste, trata-se da praça Pedro Nunes, e do lado Este, uma praça que se abre ao rio e às culturas agrícolas. Para além destes dois pontos, existe ainda a intenção de unificação da margem sul da cidade de Alcácer do Sal através da requalificação de um espaço que marca o limite da cidade. Pretende-se tornar este espaço numa área exclusivamente dedicada à produção agrícola comunitária, com a intenção de criar uma maior ligação da comunidade local, com esta atividade tão importante para a subsistência da cidade.

LEGENDA

- 1. Estações de Comboios de Alcácer do Sal
- 2. Escola Secundária de Alcácer do Sal
- 3. Castelo de Alcácer- atual Pousada de Dom Afonso II e Cripta Arqueológica do Castelo
- 4. Turismo de Alcácer
- 5. Mercado Municipal de Alcácer do Sal



COMÉRCIO
Programa

O comércio desde o início da sua história, sempre se apresentou como um ponto de encontro de variadas culturas, territórios e pessoas, refletindo jogos de trocas, que para além de bens, movimentavam conhecimentos, ideias, valores técnicas e gostos. Este viu a sua evolução dependente das condições físicas, económicas e sociais de cada território, acabando por refletir as diversas fases de transformação e desenvolvimento da atividade comercial.

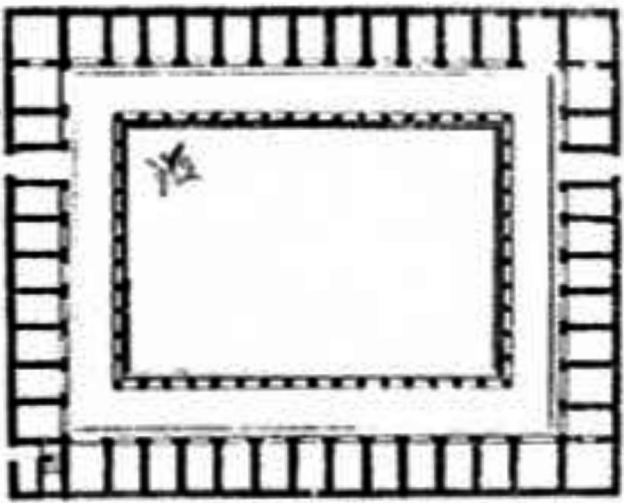
Ao analisar estas fases de desenvolvimento, constatamos que o aparecimento de espaços permanentes na cidade destinados a esta atividade estão simultaneamente ligados tanto ao aumento da população e consequente aumento excessivo de produção, como à progressiva evolução dos sistemas de comunicação, que vieram facilitar o acesso a bens variados.

É importante referir, que se pretende elaborar uma análise da evolução histórica dos espaços de comércio, com a intenção de perceber o seu percurso tipológico em consonância com contexto sociocultural em que se veio erguendo, procurando entender o porquê da perca de força e liderança desta atividade na estrutura urbana atual, permitindo uma reinterpretação dos espaços de comércio, através da criação de novas estratégias que repensem funcionalmente o papel da arquitetura mercantil na cidade e sociedade contemporâneas, com o objetivo de voltar a dinamizar, qualificar e revitalizar a vivacidade da cidade.

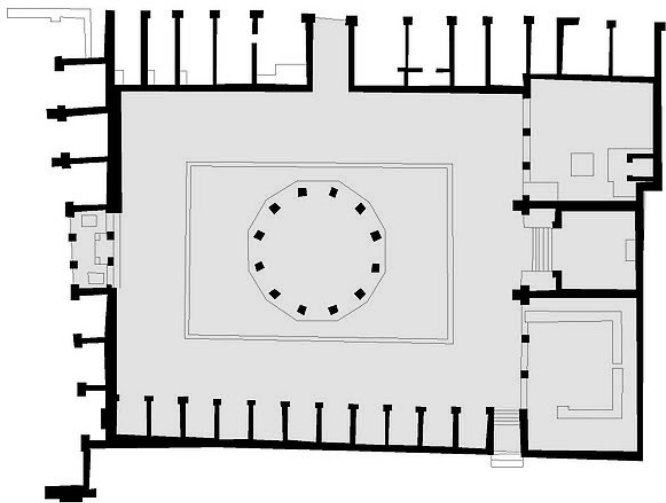
Ao longo da sua história, os espaços de comércio foram apresentando uma diversidade de tipologias que se iam adaptando às variadas necessidades que iam surgindo com o passar dos tempos. Estes podem caracterizar-se por espaços de comércio abertos, cobertos ou até mesmo fechados, que se distinguem pela sua designação espacial e pelo significado que adquirem na arquitetura das cidades.

Com início na Grécia Antiga, o mercado foi um dos principais integrantes da Ágora - edifício inicialmente destinado a reuniões e assembleias populares - mas devido ao acelerado crescimento da atividade mercantil, surge a necessidade de se criar os primeiros edifícios destinados exclusivamente a esta prática, apelidados de macella - tipologia de mercado grego mais comum. Posteriormente em Roma Antiga, à semelhança do que se sucedeu na Grécia Antiga, esta atividade começou por se desenvolver no espaço público do Fórum, mas rapidamente se manifestou a necessidade de criação dos primeiros edifícios mercantis. Inicialmente designados de Fora, os primeiros edifícios mercantis em Roma Antiga, destinavam-se a um tipo de comércio específico, que mais tarde conduziram ao aparecimento de uma nova tipologia, o macellum, que abrangia a comercialização de variados produtos num único edifício.

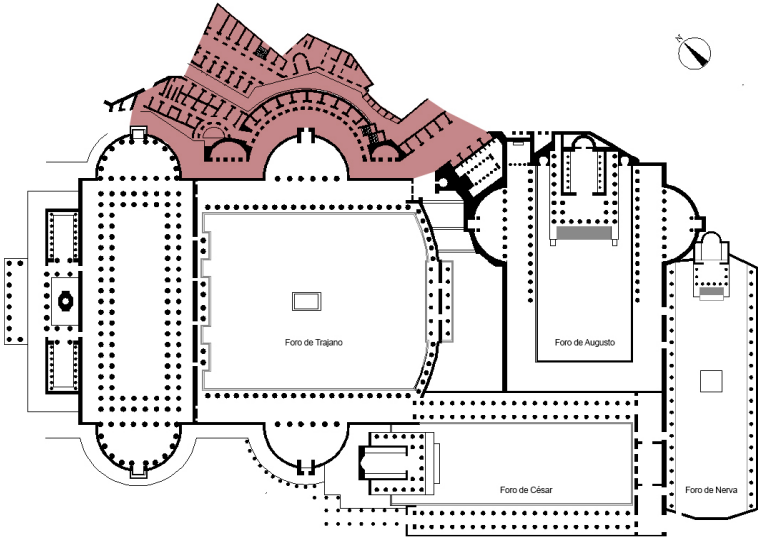
IMG.31 | Planta Macella- Grécia Antiga (Corito);
IMG.32 | Planta Macellum- Roma Antiga;
IMG.33 | Planta mercado de Trajano, Roma



IMG. 31



IMG. 32



IMG. 33

Para além da homogeneidade na evolução da atividade comercial existente entre a Grécia Antiga e Roma Antiga, também as semelhanças entre as suas tipologias de mercado são inegáveis, devido a ambas apresentarem uma plantas retangulares, com um pátio central exterior rodeado de galerias de lojas que se abriam tanto para o pátio como para o exterior do mercado. Contudo os mercados romanos diferenciavam-se por determinadas características apresentadas nas suas soluções arquitetónicas, tais como a axialidade e o rigor pelos alinhamentos ou ainda múltiplas configurações espaciais que exibiam plantas idênticas às de basílicas, percursos lineares definidos por galerias de lojas ou ainda soluções adequadas às topografias dos terrenos, como acontecia no mercado de Trajano.

Com a queda do Império Romano, a Europa sofreu acentuadas mudanças no que diz respeito ao comércio, havendo um retrocesso da atividade assinalado por uma economia doméstica que abastecia pequenos mercados, resultante de uma comunicação constante entre o sistema produtivo e a cidade, cuja venda suscitava a produção. Posteriormente com a chegada da época Medieval, a atividade comercial ganhou um novo espaço para o seu desenvolvimento, passando a ter um lugar privilegiado na cidade, nas praças irregulares que iam surgindo do desenho dos edifícios na cidade. Passando para o mundo islâmico, são evidentes as características arquitetónicas adquiridas dos mercados ocidentais, mas devido às condições climáticas tão particulares das cidades do norte de África e do médio Oriente, surge a necessidade de interiorização, criando-se uma nova tipologia de mercado que se integra num sistema de ruas cobertas por arcadas de pedra abobadadas, conhecidas por souk ou bazar. Estruturalmente esta tipologia de mercado procurava criar novos percursos de circulação interiores nas cidades, através da conexão destes espaços de mercado a edifícios públicos, ou até mesmo a monumentos independentes. Para além da função de mercado, que até aquela data se caracterizava apenas pela atividade comercial, os bazares acabaram por adquirir também funções de armazenamento de mercadorias, aposentos e/ou ateliers de comerciantes. Paralelamente ao aparecimento dos bazares islâmicos e das tradicionais praças de mercado descobertas na era medieval, que se mantiveram nas cidades italianas do Renascimento, surge uma nova tipologia de mercado coberto, o Halle comercial, no início do século XIII. Muito característica dos países do norte da Europa, devido às severas condições climáticas, esta tipologia chegou também a ter um grande impacto em outros países da Europa, como em França. O mercado do Trigo (Halle au Blé), projetado por Nicolas Le Camus de Mézières, em 1763, tratou-se do primeiro halle comercial a ser construído em Paris. Esta nova tipologia de mercado concretizava-se por grandes espaços cobertos constituídos por um elevado número de lojas, afastando-se dos antigos modelos de mercados apresentados até essa data.

IMG.34 | Mercado Medieval, Cambridge -1841;
IMG.35 | Bazaar Turco- 1854;
IMG.36 | Halle comercial- Halle au Blé.



IMG. 34



IMG. 35



IMG. 36

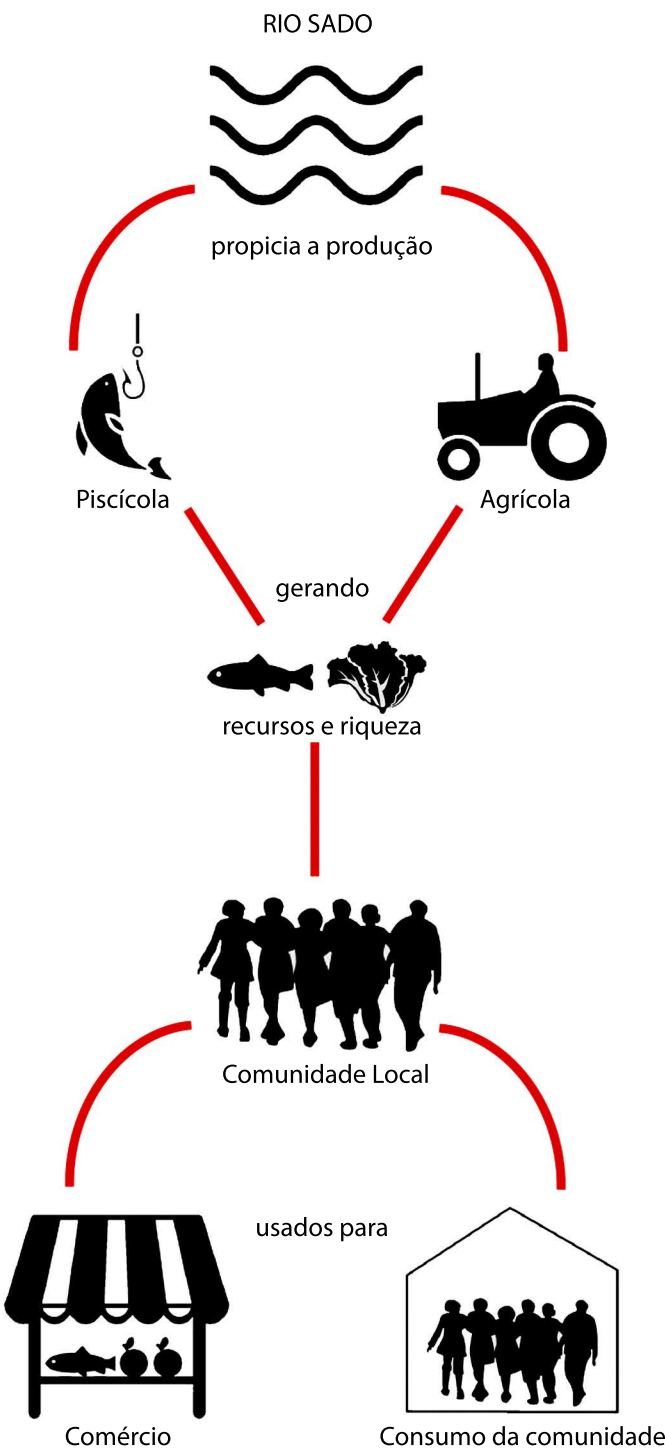
Com o constante melhoramento do contexto socioeconómico durante os séculos que se seguiram, deu-se um aumento demográfico bastante acentuado e um crescente desenvolvimento urbano que consequentemente originou um aumento da necessidade de abastecimento da população e da própria atividade mercantil, suscitando uma maior vontade de criação de novos espaços de comércio na cidade.

É neste contexto, que no início do século XIX, com a chegada da Era Industrial, o mercado atinge o seu auge, encontrando um lugar de destaque na cidade, juntamente com as estações de comboio e os centros de exposições, que começaram a ser construídos com recurso à arquitetura de ferro e vidro, executando novas técnicas construtivas e usando novos materiais, que permitiam a exploração de novas capacidades espaciais e novas formas de iluminação.

Posteriormente, com a chegada do século XX e o constante crescimento demográfico e industrial, proveniente de uma sociedade consumista, dá-se início ao declínio da atividade mercantil. Nesta fase, esta atividade volta a espelhar as transformações e as necessidades de um rápido abastecimento de bens, que se traduziram no aparecimento de supermercados e hipermercados. Estes introduziram um novo método funcional de venda de mercadorias de baixo custo, conferido por uma densa exposição de produtos orientados em desenhos espaciais que facilitavam o fluxo rápido de deslocação de pessoas.

É também neste âmbito que surgem os primeiros centros comerciais, que abrangiam uma enorme diversidade de funções e serviços num só espaço, enraizando-se de tal maneira que, entre o final do século XX e o início do século XXI, se verificou um crescente aumento deste tipo de espaços comerciais nas cidades. Este fenómeno veio gerar uma perda de importância dos tradicionais espaços de mercado, principalmente dos espaços de mercado cobertos, devido à ineficácia em servir as exigências da sociedade contemporânea, incapacitando-os de disputar com as novas superfícies comerciais. Desta forma, pode concluir-se que para reabilitar o tradicional espaço de mercado, é necessário acompanhar o crescimento do comércio e entender a sociedade atual, bem como as estruturas urbanas em que se inserem, de maneira a reagir à evolução das cidades e às exigências das suas populações.

PD.23 | Esquema explicativo do funcionamento de dois dos sectores mais importantes para a subsistência deste território.

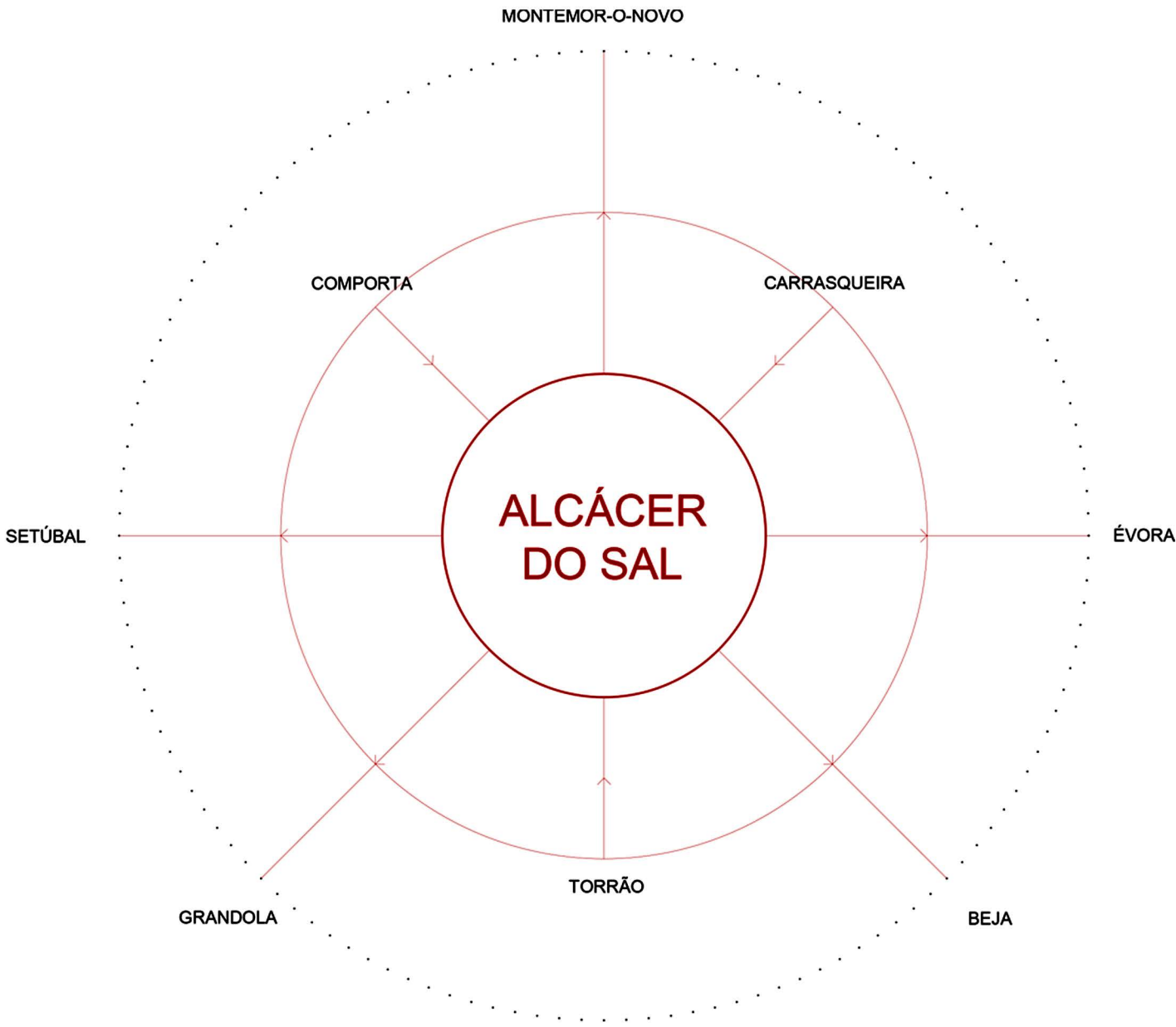


Apesar de Alcácer do Sal apresentar um território bastante rico em recursos naturais, abrangidos por uma extensa área de produção agrícola e piscícola, existe um forte desprovemento ao nível da exploração da atividade comercial local.

Localizado no centro da cidade, o mercado de Alcácer, não foi exceção, tendo vindo a perder expressão na estrutura urbana, encontrando-se atualmente completamente desajustado das necessidades impostas pela sociedade contemporânea. Para além disso, este trata-se do único espaço dedicado ao comércio neste concelho, à exceção do pavilhão industrial e recinto de feira que foi criado junto à praça de touros. Este apresenta-se completamente desenquadrado da malha urbana da cidade e apenas é utilizado anualmente para receber as festas da cidade.

Posto isto, surge a necessidade de repensar o conceito de comércio no tecido urbano da cidade de Alcácer. Partindo da lógica da sobreposição de limites, que permitem perceber quais os espaços e oportunidades que vão surgindo na cidade, procura-se reinterpretar e criar de uma nova tipologia mercantil, que pretende para além de repensar o espaço de mercado, introduzir novos espaços de comércio abertos na cidade. Pretende-se que estes se apropriem de espaços públicos, como praças ou jardins, que se vão abrindo por entre a malha urbana da frente ribeirinha, para receber festas ou feiras que se realizam sazonalmente.

Esta estratégia procura, para além de devolver à cidade e a sua população a vivacidade e dinamismo, outrora impulsionado por esta atividade, ainda promover a requalificação urbana e o empreendedorismo, fortalecer os laços entre as zonas rurais e as zonas urbanas e melhorar o acesso a produtos frescos, favorecendo o valor social e os laços comunitários. Mas principalmente, esta pretende ainda tornar a cidade de Alcácer num grande centro de abastecimento de produtos do concelho e de outras regiões do interior, mediante a reativação das suas atividades agrícolas e piscícolas.



PLANTA LOCALIZAÇÃO
Escala 1/1250

O novo espaço de mercado ocupa um dos limites urbanos da cidade de Alcácer do Sal. Partindo da sua reabilitação, pretende-se conferir uma nova centralidade à cidade, motivada por uma vivência maior do espaço público na frente ribeirinha da mesma. Esta proposta pretende estimular a requalificação de toda a frente ribeirinha, rematada pelos dois vazios urbanos que se inserem nos limites da cidade. Mas não podendo objetivar o redesenho global de toda esta área urbana, é proposto a criação de um núcleo impulsor do seu desenvolvimento através de uma intervenção que pretende melhorar a qualidade económica, social e urbana da cidade de Alcácer do Sal.

O núcleo, implantado no limite Oeste da cidade de Alcácer, insere-se numa área que se desenvolve desde a Praça Pedro Nunes até à malha produtiva, integrando um sistema constituído por um complexo mercantil e uma área de produção piscícola.

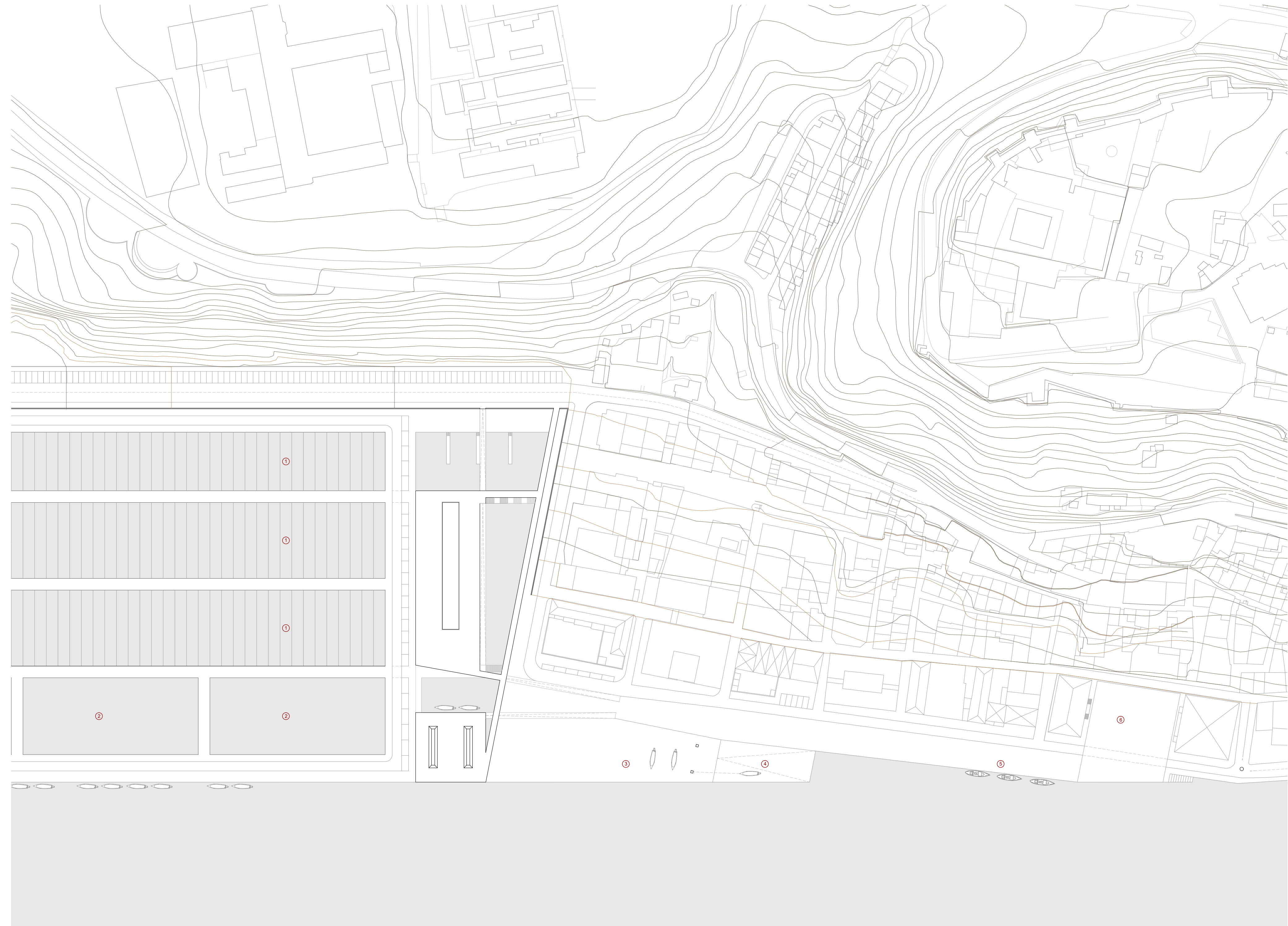
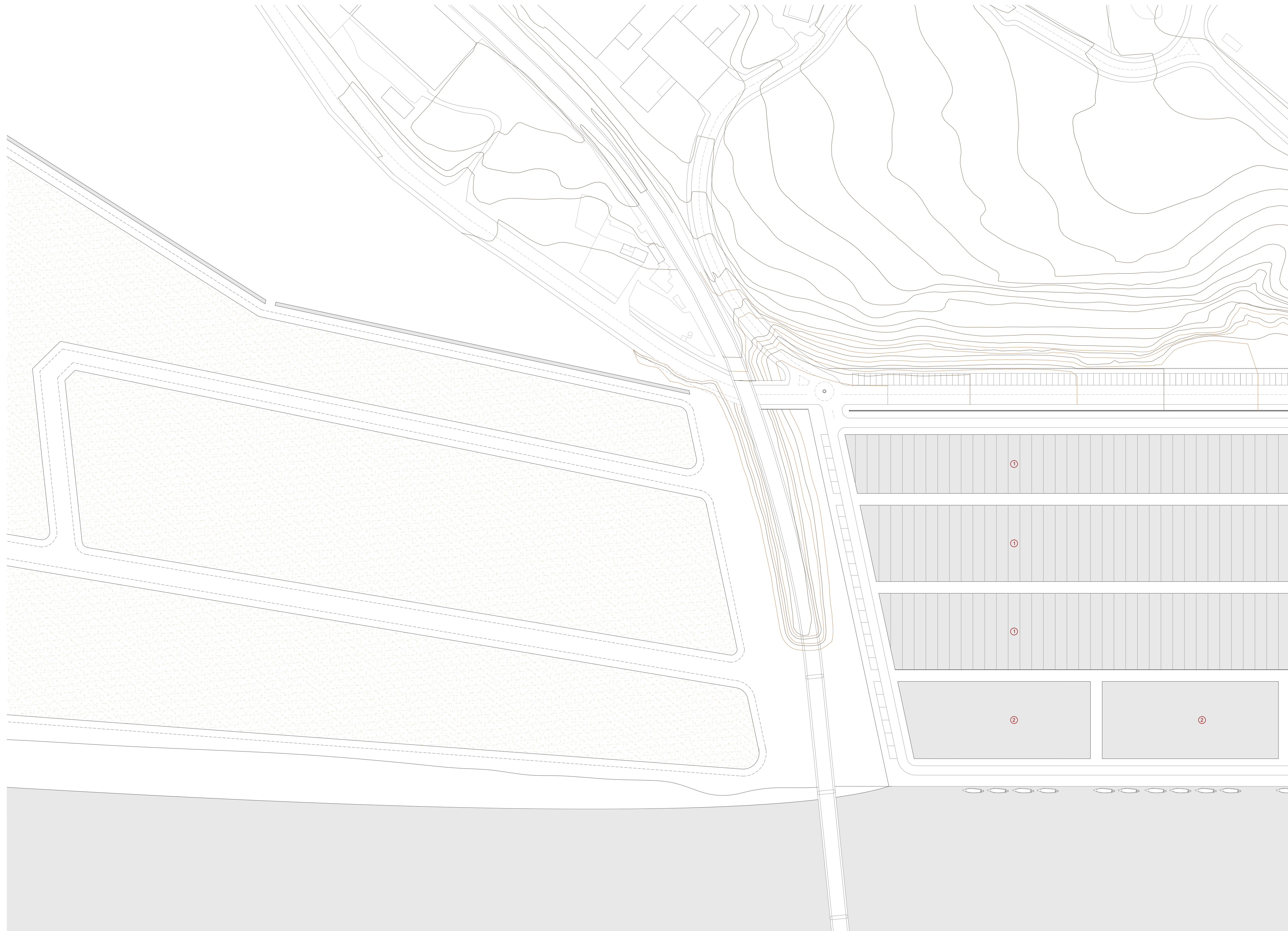
A intenção de criação de um sistema que engloba um programa de produção agregado a um mercado surge com o intuito de dinamizar a atividade mercantil, pois ao procurar ampliar o seu programa, no que diz respeito à sua dimensão e à sua diversidade funcional, estásse a criar uma estrutura mercantil unificada, capaz de integrar e promover diversas atividades que garantem a eficiência deste equipamento, fora do horário de funcionamento do mercado.

Para além deste motivo, a área de produção piscícola, foi pensada com o intuito de reabilitar uma atividade tão importante para este território, relembrando os seus habitantes da importância de determinadas atividades que outrora foram os elementos impulsionadores da permanência no território. Esta é composta por conjunto de tanques piscícolas (1) inteiramente alimentados por um processo que se desenvolve ao longo de um conjunto de tanques de fitodepuração (2), procurando tirar um maior aproveitamento de um dos recursos naturais mais importantes deste território.



O desenho desta nova área de produção pretende criar, para além de uma continuidade visual no território, um elo de ligação e comunicação entre a cidade e a produção agrícola que se estende ao longo de todo o litoral do concelho.

Para rematar o sistema produtor é implantado um complexo mercantil, que marca a transição da malha produtiva para a malha urbana, passando pela requalificação da frente ribeirinha, onde são introduzidas algumas funcionalidades inerentes a este sistema, como uma doca (3) programada para receber e manter pequenas embarcações piscatórias e uma rampa de varadouro (4), que permite o acesso de embarcações em manutenção à água. A requalificação da frente ribeira termina com a reimplantação do cais de embarcações turísticas (5), anteriormente localizado na margem Sul da cidade de Alcácer, para junto da Praça Pedro Nunes (6), onde se propõe o seu prolongamento até à margem do rio, com o intenção de lhe devolver a sua importância na cidade, que outrora surgia como o coração de Alcácer, testemunhando as chegadas e partidas de diversas embarcações que ali descarregavam as suas mercadorias.



PLANTA IMPLANTAÇÃO (PISO 0)
Percursos de Mercadorias | Escala 1/500

A poupança hídrica e a proteção ambiental foram dois temas a ter em atenção nesta proposta. A introdução de um sistema de fitodepuração, composto por um conjunto de bacias implantadas junto à margem do rio, surge com o objectivo de tirar o máximo de proveito da água do mesmo, para abastecimento do sistema de produção piscícola que aqui se propõe.

O sistema de fitodepuração consiste num processo natural e sustentável de tratamento de águas, realizado através de um filtro de plantas macrófitas em flutuação, que garantem uma redução do consumo energético de 80% e uma eficácia de 99% no seu tratamento, sem produzir qualquer tipo de mau odor ou ruído. O processo de tratamento da água passa por quatro bacias de fitodepuração, sendo que no final do mesmo, a água saída deste sistema apresenta-se livre de poluentes, podendo ser devolvida ao seu ambiente ou recuperada e reutilizada para alimentar a área de produção piscícola. O transporte da água desenvolve-se através de um conjunto de ligações que distribuem a água tratada por todos os tanques de piscicultura. Uma vez que a água dos tanques deixe de ter as condições necessárias exigidas pela produção piscícola, esta volta novamente a ser reutilizada e conduzida por um conjunto de ligações que irrigará as produções agrícolas.

Para além deste sistema de condução de águas, existe também um sistema de ligação entre os tanques piscícolas, que permite a transição dos peixes conforme estes vão atingindo determinados níveis de maturação. Para completar este ciclo, os peixes são por fim transferidos para um tanque de inferior dimensão, localizado no complexo mercantil, onde são posteriormente pescados e comercializados.

Tal como se pode observar existem dois percursos de mercadorias distintos, que se desenvolve ao longo de todo o complexo mercantil.

Este novo equipamento é representado por uma sobreposição de plataformas que se interligam entre si através de um jogo de rampas e pontes, que resolvem as diferentes cotas territoriais existentes nesta área da cidade. Este tem como objetivo revelar a atividade mercantil ao visitante apenas por meio do usufruto do espaço público envolvente ou por consequência do seu percurso, sem que este sinta a necessidade de o procurar.

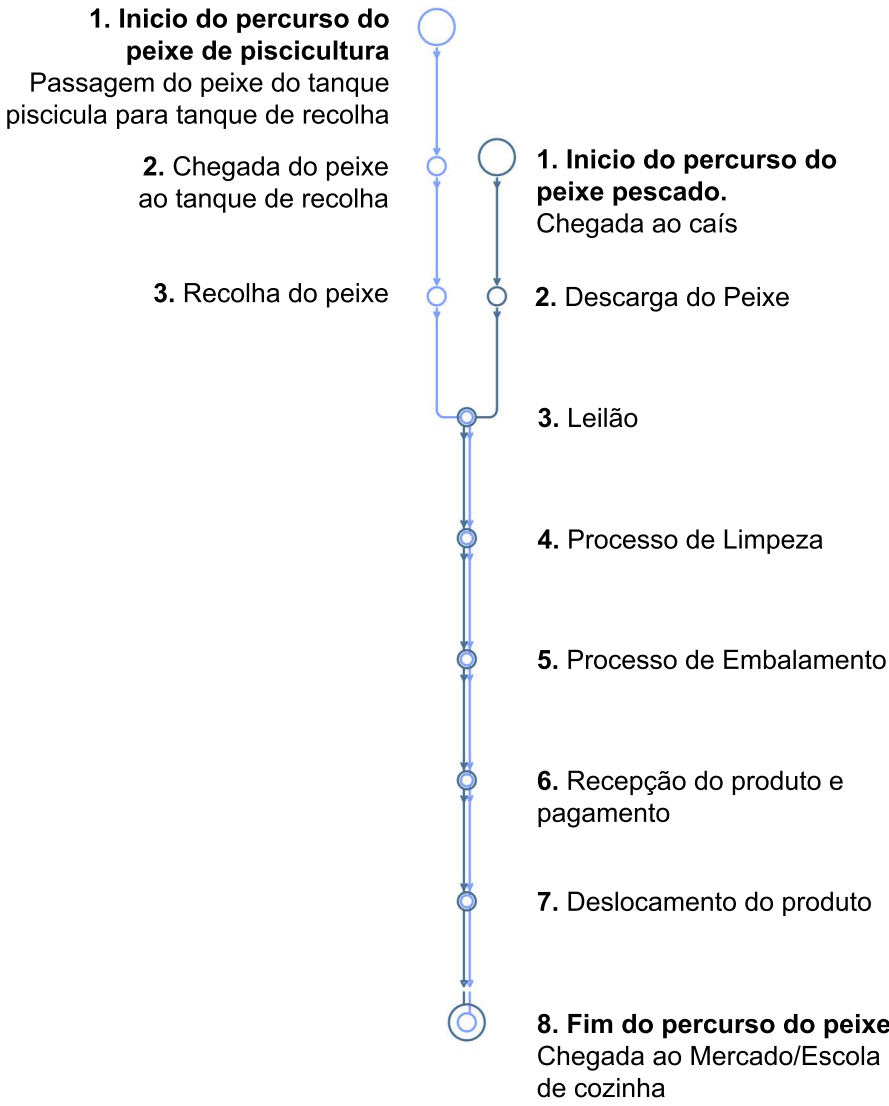
É no piso térreo que a atividade mercantil se começa a desenvolver, através da receção de mercadorias que vão chegando quer por via fluvial, quer por via terrestre. Aqui dá-se início à primeira venda de peixe recém-capturado, que mais tarde é transferido, tal como as restantes mercadorias, para o piso superior onde se desenvolve o mercado.



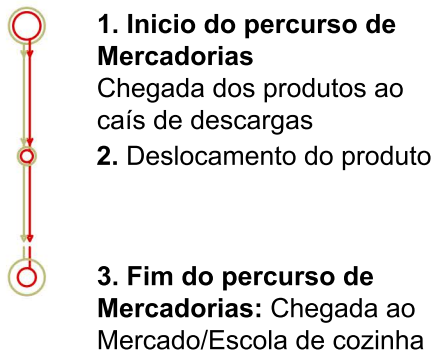
PD.26 | Planta de de Implantação do Complexo Mercantil (Piso 0)

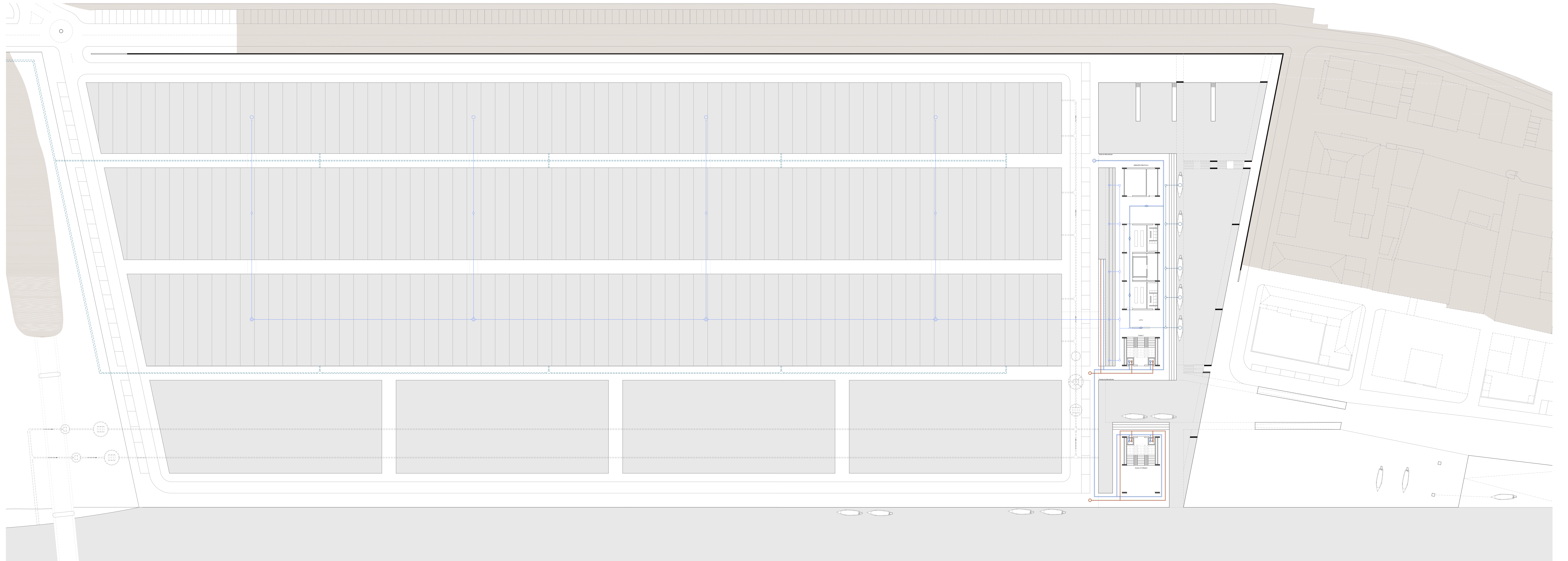


PERCURSO DO PEIXE



PERCURSO DE MERCADORIAS
(carnes e produtos agrícolas)



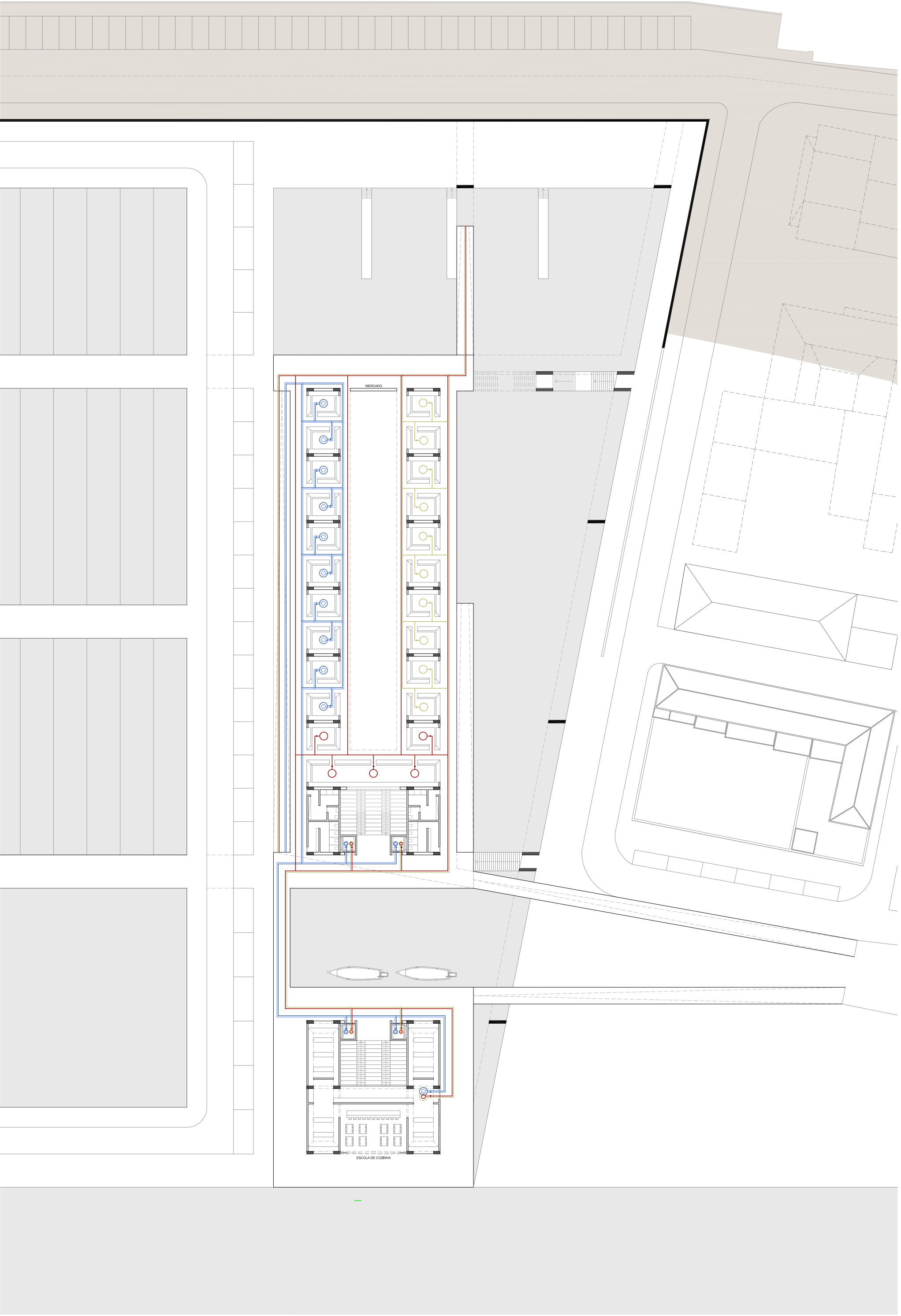


PLANTA PISO 1
Escala 1/500

É neste piso que se dá o término do percurso de mercadorias, com a chegada dos produtos ao espaço de mercado ou à escola de cozinha. A introdução de um programa funcional no novo complexo mercantil, como já dito anteriormente, foi uma das preocupações a ter em conta no desenvolvimento do mesmo, pois quando refletimos sobre um espaço de mercado, estamos simultaneamente a refletir funcionalmente sobre a sua importância na cidade e na sociedade atual. Desta forma, partindo da análise desenvolvida sobre a evolução tipológica dos espaços de mercado foi possível compreender que os fatores que mais afetaram o desenho tipológico destes espaços, foram as exigências básicas e restrições técnicas e funcionais que suportavam a atividade mercantil, contrariamente aos espaços de mercado não planeados que apresentavam vivências e funcionalidades mais diversificadas. Neste contexto, a introdução programática da escola de cozinha, surge como uma outra estratégia que procura gerar variadas dinâmicas de funcionamento, com a intenção de conseguir atrair mais público, bem como de diferentes faixas etárias, permitindo uma adaptabilidade da utilização dos espaços distribuída no espaço e no tempo.



PD.27 | Planta Piso 1





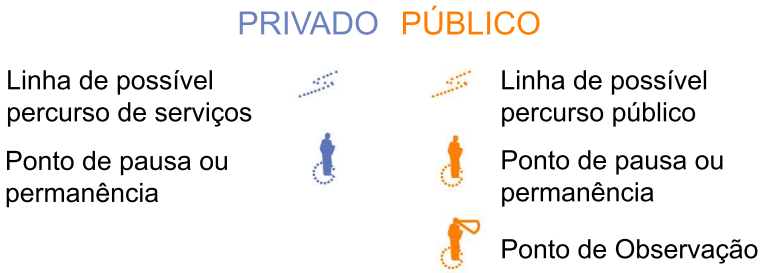
PLANTA COBERTURA
Escala 1/500

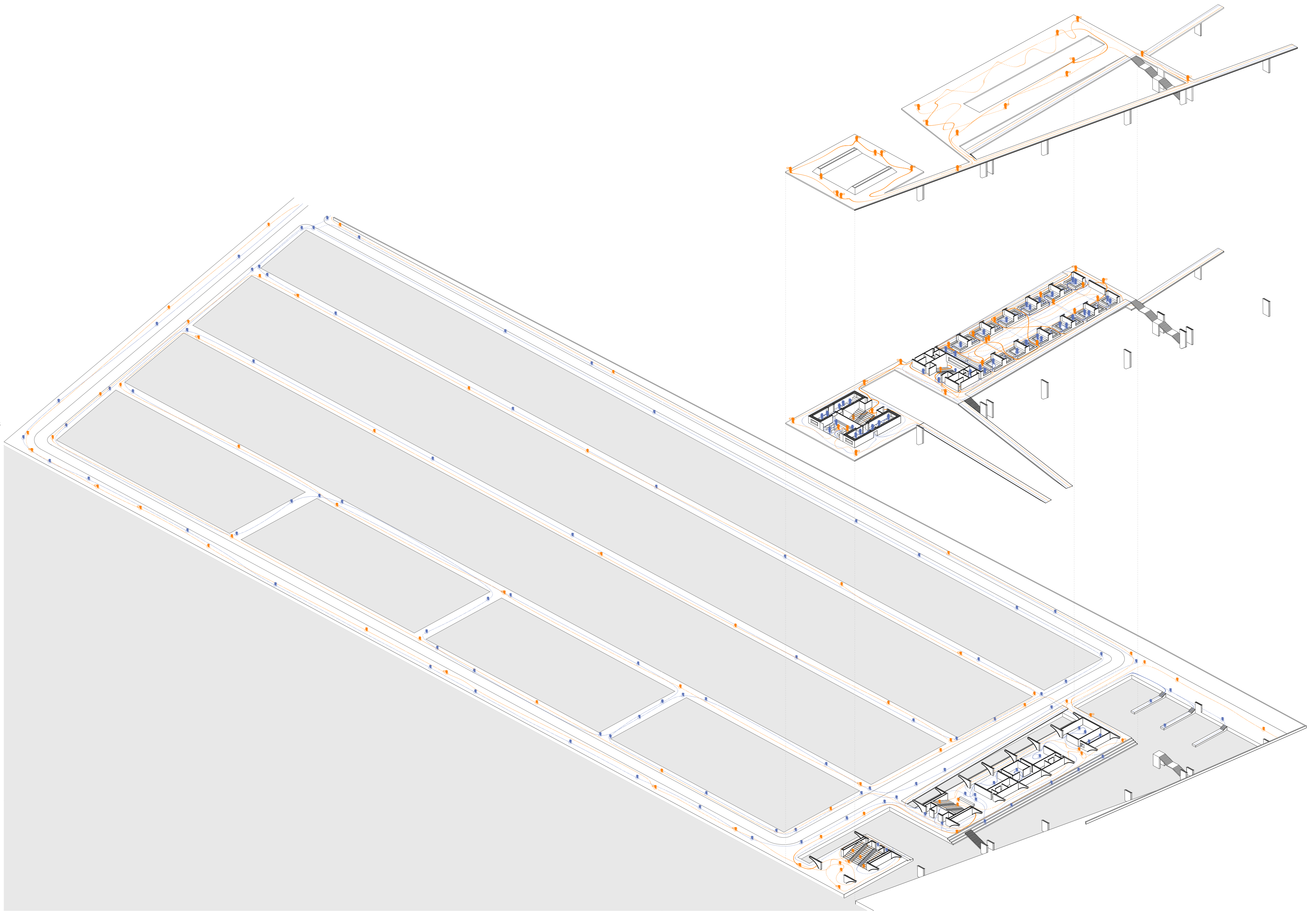
Por último, a cobertura apresenta-se como uma plataforma que emerge a uma cota mais elevada da cidade, permitindo uma ligação mais rápida e direta ao complexo mercantil, quer por parte dos utilizadores, como por possíveis chegadas de mercadorias mais ligeiras. Ao emergir nesta cota da cidade, permite-lhe assumir-se como uma continuação do espaço público, pensado para receber encontros periódicos de comércio ou simples encontros de convívio da população. Esta apresenta-se ainda como um novo miradouro da cidade, permitindo ao seu utilizador contemplar, para além deste novo sistema, toda a cidade de um novo ponto de vista.



AXONOMETRIA
Esquema de Percursos | Escala 1/700

A água, como já podemos constatar, é elemento de grande importância nesta proposta, pois para além de alimentar todo este sistema, surge ainda como elemento limitador e diferenciador de espaços e programas, sem nunca se impor como uma barreira visual ou física, na sua totalidade. Como podemos constatar, esta procura estabelecer o controlo do acesso direto à área de produção que se desenvolve neste sistema, por se tratar de um espaço que apresenta um carácter mais privado. Há que ter em atenção que não se pretende com esta estratégia eliminar a existência e permanência do visitante neste espaço produtivo, apenas controlar o seu acesso. Através da axonometria é perceptível a dicotomia existente entre os diversos espaços do sistema, no que diz respeito ao seu carácter privativo por consequência da sua funcionalidade. Partindo do piso térreo, que se apresenta como um espaço caracteristicamente mais privado devido às suas funções, podemos verificar que conforme vamos ascendendo aos restantes pisos do complexo mercantil, essa bipartição se vai suavizando até se tornar inteiramente pública.





PLANTAS DO EDIFÍCIO
Piso 0 | Escala 1/200

A atividade mercantil encontra-se atualmente confinada a um espaço fechado, muito centrado no seu interior, resultante de variadas problemáticas adquiridas com a tentativa de adaptação destes espaços à sociedade contemporânea. Daqui surgiu a necessidade de atribuição de novos princípios de segurança, higiene e conforto aos espaços de mercado, que acabaram por ditar a deterioração da relação existente entre estes equipamentos e a envolvente urbana em que se inserem, bem como uma desvalorização quer da sua estrutura física, quer do seu próprio evento de comercialização. Há que ter em atenção que quando esta atividade ocorre naturalmente na malha urbana da cidade, promove uma atmosfera muito mais atraente e contagiante do que quando confinada ao interior de um equipamento mercantil.

Como tal, partindo de uma reflexão sobre todos os fatores que influenciaram a presente problemática dos edifícios mercantis, houve a intenção de reinterpretar a tipologia dos espaços de mercado procurando extrair todo o conhecimento e experiência das antigas tipologias mercantis para a elaboração de uma tipologia mais adequada ao presente ou até mesmo ao futuro das cidades.

É neste contexto que surge esta proposta, que ao manter-se afastada dos modelos típicos de mercado fechado, potencializa a vivência do novo equipamento através da difusão entre limites físicos, limites impostos pela própria atividade e ainda limites programáticos, procurando explorar as potencialidades do equipamento, através da implementação de várias funcionalidades no mesmo espaço, que permitem proporcionar aos seus utilizadores, para além de uma experiência comercial, o acesso a variados serviços e espaços dedicados aos lazer e bem-estar.

Como já se constatou anteriormente, o complexo mercantil está dividido em três pisos, que comunicam entre si através de um conjunto de rampas e pontes que fazem a ligação entre os vários programas existentes.

No piso térreo esta divisão programática é conseguida através da apropriação de uma boa parte deste, pelo rio, criando um percurso fluvial que permite o acesso tanto ao equipamento, que se encontra dividido em dois núcleos, como a um cais de atracagem de pequenas embarcações piscatórias.



No núcleo localizado junto à entrada fluvial do complexo desenvolve-se uma praça de água, que para além de se apresentar como uma das entradas de mercadorias no complexo mercantil, funciona como auditório ao ar livre, que se abre sobre o rio e a toda a sua envolvente para receber diversas atividades e performances.

O outro núcleo, conferido entre a praça de água e o cais, caracteriza-se por uma área de apoio à atividade piscícola, composta por um conjunto de cheios e vazios onde se desenrolam diversas ações.

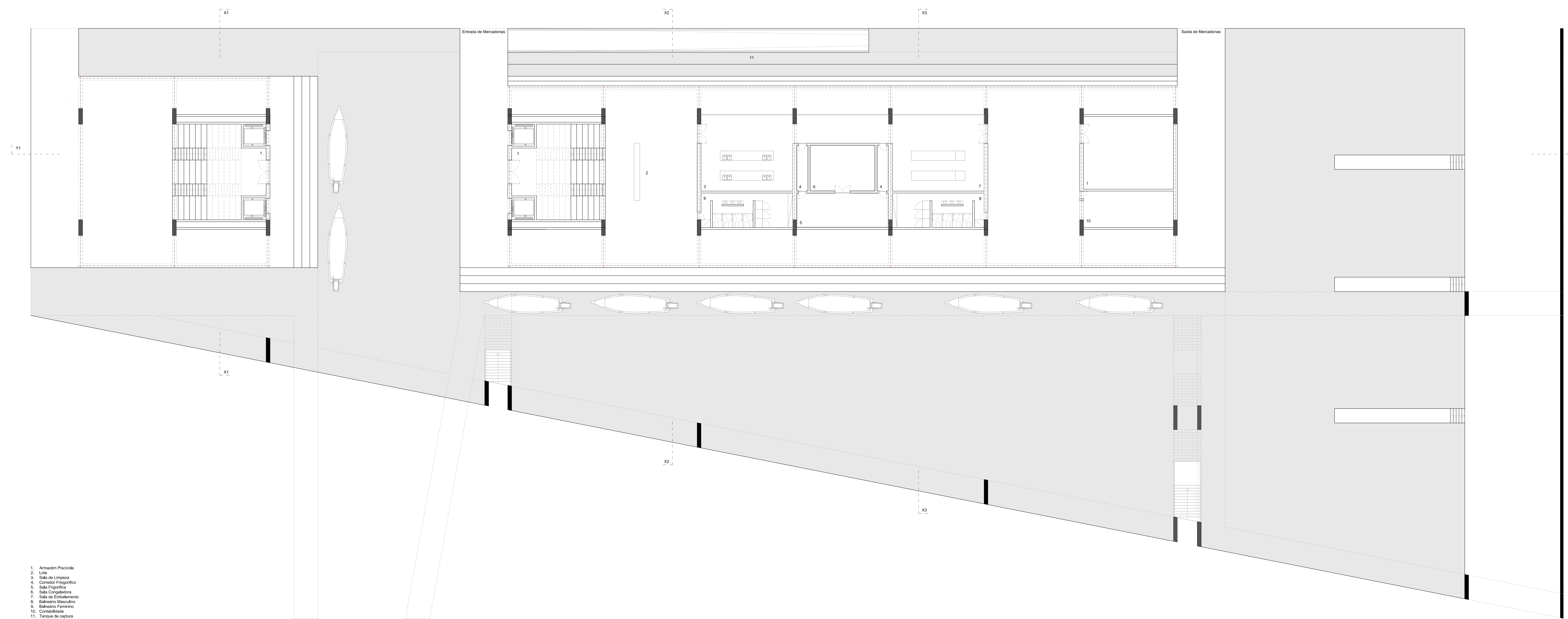
O primeiro volume define-se por uma área de acessos verticais centrais, inversa à existente na praça de água, onde para além dessa função, se assumem como plateia de variadas ações que aqui decorrem, neste caso, onde se processa a primeira ação de comercialização do peixe recém-capturado aos revendedores - na lota. Aqui são comercializados peixes de captura marítima e fluvial, bem como todos aqueles que são produzidos nos vastos tanques de piscicultura existentes neste sistema e que posteriormente são apanhados no Tanque de captura.

Depois de regateados estes são transferidos para o volume seguinte onde são conduzidos por um processo de higienização e embalamento e consequentemente condicionados nas salas frigorífica e congeladora, enquanto aguardam a sua saída para o mercado, ou para quaisquer outros locais dentro ou fora do complexo. Este volume é maioritariamente fechado, à exceção do lado Oeste, onde são rasgados amplos vãos direccionados para todo o sistema de piscicultura, permitindo que todos estes processos estejam em constante comunicação.

Enquanto aguardam por todo este processo, os revendedores são convidados a deslocarem-se ao terceiro volume onde se instala uma área dedicada à contabilidade, e onde podem ser tratados todos os assuntos referentes a pagamento deste serviço.

Nas extremidades destes núcleos são ainda introduzidos armazéns de apoio às atividades piscícolas, que podem ser usados tantos pelos pescadores como pelos trabalhadores do sistema de produção, devido a manterem uma maior proximidade com estas atividades, facilitando o seu acesso em caso de necessidade.





- 1. Armazém Piscícola
- 2. Lota
- 3. Sala de Limpeza
- 4. Corredor Frigorífico
- 5. Sala Frigorífica
- 6. Sala Congeladora
- 7. Sala de Embalamento
- 8. Banheiro Masculino
- 9. Banheiro Feminino
- 10. Controlador
- 11. Tanque de captura

PLANTAS DO EDIFÍCIO
Piso 1 | Escala 1/200

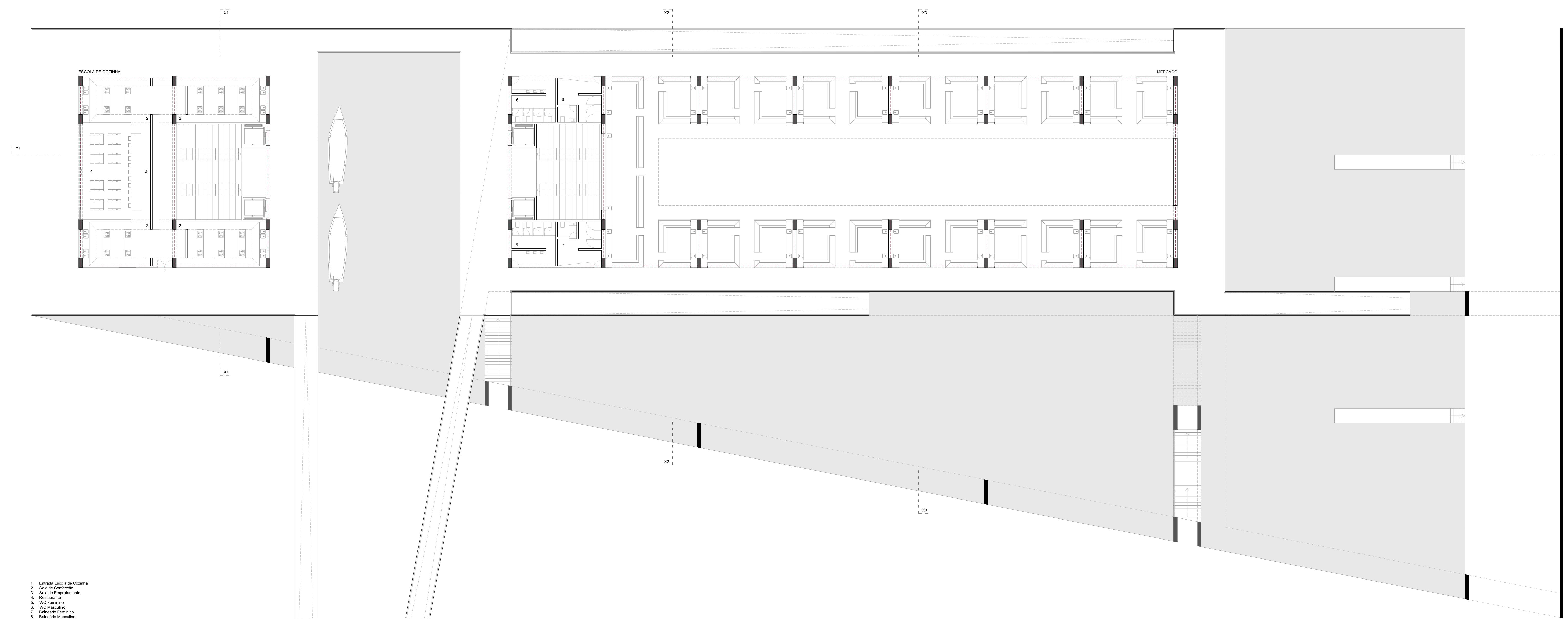
É neste piso que se desenrola toda a ação mercantil, através um conjunto de bancas, separadas entre si por um volume estrutural, que se desenvolvem ao longo da plataforma até ao encontro de um dos acessos verticais centrais. Aqui são também instaladas todas as áreas dedicadas a instalações sanitárias públicas, bem como balneários que servem de apoio a todos os trabalhadores destes serviços.

Para além da zona de mercado, este piso integra ainda uma área dedicada ao ensino, constituída por uma escola de cozinha, que procura promover a agricultura e a culinária sustentáveis, através do acesso direto a todos os produtos locais e sazonais, comercializados neste complexo, que permitem que os seus alunos estejam em constante comunicação com todas atividades inerentes a esta prática.

Esta apresenta-se como um pequeno volume composto por quatro salas de confeção, onde se realiza todo o trabalho ligado às aulas de culinária, separadas entre si por um corredor comum de armazenamento alimentar que as abastece. Entre duas das salas de confeção surge a sala de empratamento, pensada para receber todos pratos confeccionados que serão servidos ao público na zona de restaurante.

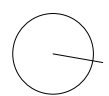
O momento excecional deste volume trata-se das suas chaminés que para além de extraírem os fumos e vapores desenvolvidos pelo ato de cozinhar, funcionam como entrada de luz zenital, que ilumina os vários espaços de trabalho das salas de confeção.

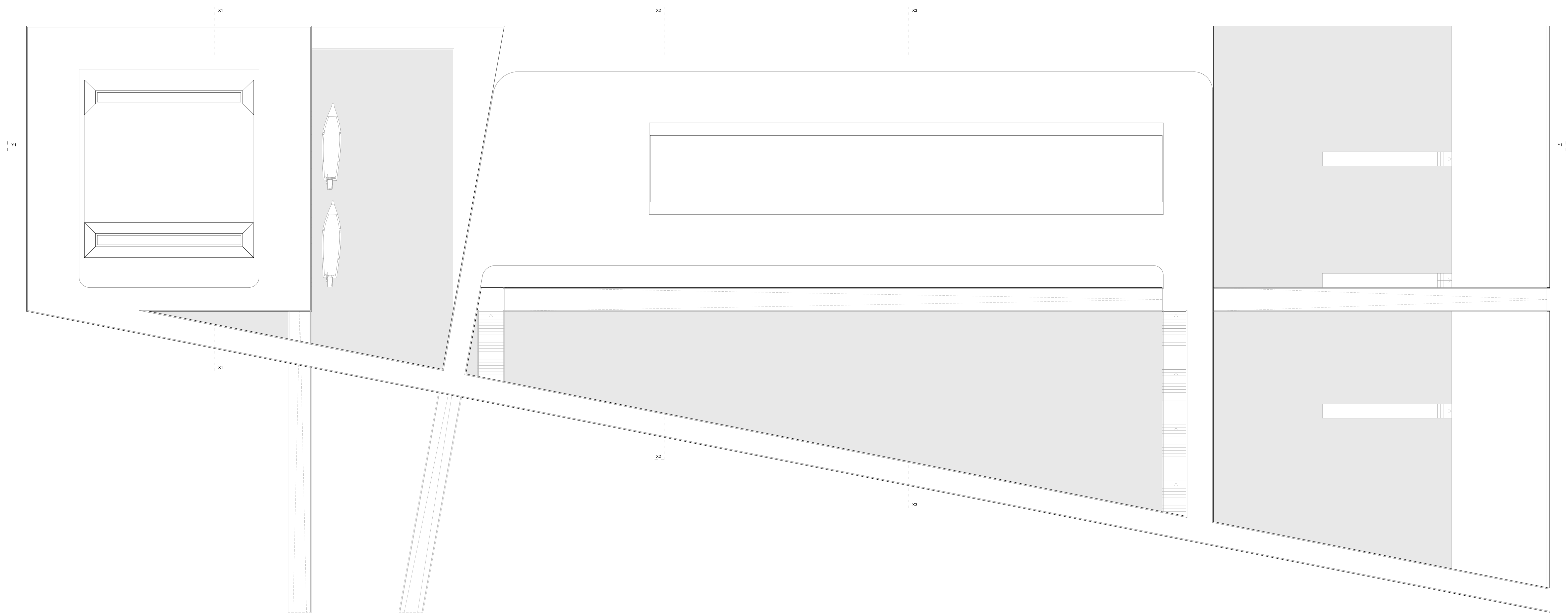


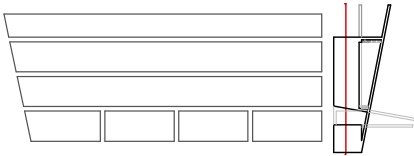


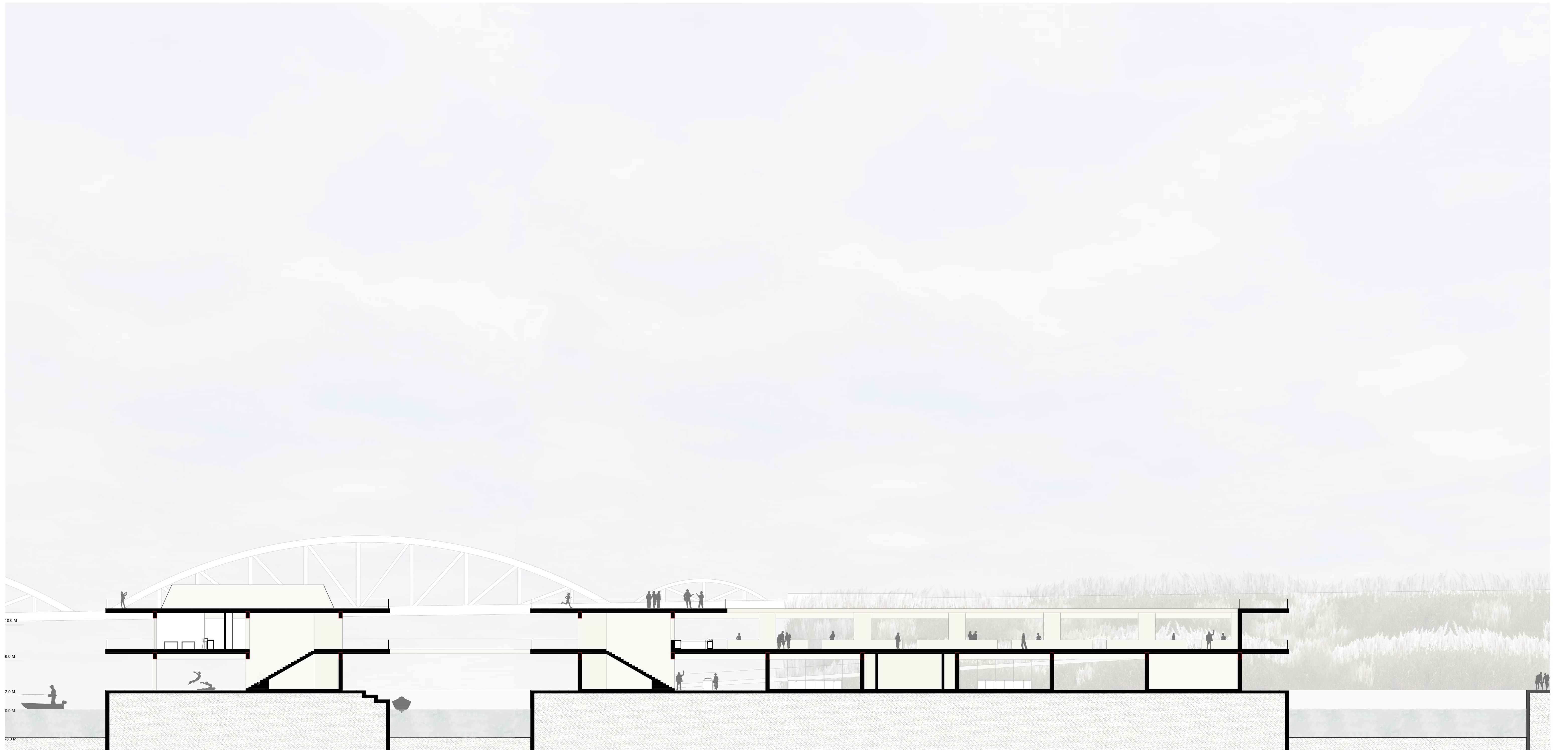
- 1. Entrada Escola de Cozinha
- 2. Sala de Confecção
- 3. Sala de Armazenamento
- 4. Restaurante
- 5. WC Feminino
- 6. WC Masculino
- 7. Banheiro Feminino
- 8. Banheiro Masculino

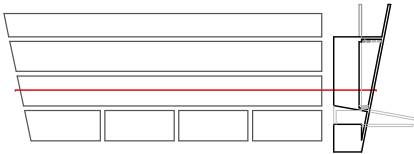
PLANTAS DO EDIFÍCIO
Cobertura | Escala 1/200







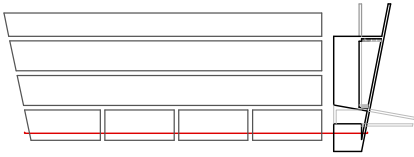




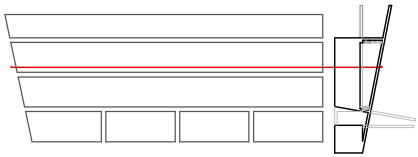




MERCADO LITORAL
Corte X1 | Escala 1/200







CORTE CONSTRUTIVO
Materialidade- Escala 1/50

Numa assumida intenção de difusão dos limites físicos e dos limites impostos até à data pela atividade mercantil, surge a vontade de fortalecer e estimular a vivência do equipamento mercantil através da criação de um objecto que tem como propósito atuar como uma continuação do espaço público, como referido anteriormente. Esta continuidade é conseguida por meio de um sistema de plataformas, rampas e pontes que emergem das várias cotas do terreno, e que permitem que estes se difundam.

Para além de se pretender uma ligação do edifício com o espaço público, procura-se criar uma unificação de todo o sistema através da sua materialidade, consumada maioritariamente em betão pigmentado num tom argiloso, que lhe irá conferir um tom bastante idêntico ao encontrado nos solos argilosos tão característicos deste território. No que diz respeito à pavimentação de todo o sistema, que se estende desde a praça Pedro Nunes passando pelo complexo mercantil e terminando no fim do sistema de produção piscícola, pretende-se que esta seja materializada por lajetas de betão pré-fabricadas, também estas pigmentadas no mesmo tom. Esta particularidade tem como objectivo minimizar o impacto visual na paisagem.



LEGENDA

PAVIMENTAÇÃO

- PV-01 Gravelha 80mm esp.
- PV-02 Lajetas de Betão Branco
- PV-03 Feltro Geotextil
- PV-04 Isolamento Térmico de Poliestereno Extrudido-
Roofmate XPS 80 mm esp.
- PV-05 Complexo de Impermeabilização- 2 Telas
- PV-06 Betonilha 30mm esp.
- PV-07 Enchimento em Betão leve 35mm esp.
- PV-08 Betão Armado
- PV-09 Reboco
- PV-10 Argamassa de Cimento e Areia (argamassa de assentamento)
- PV-11 Distanciadores de Plástico Reguláveis
- PV-12 Micro-Betão Branco
- PV-13 Camada de regularização
- PV-14 Betão pobre
- PV-15 Areia
- PV-16 Brita
- PV-17 Terra Compactada

CAIXILHARIA

- CA-01 Caixilharia de Alumínio
- CA-02 Vidro Duplo 4mm esp.
- CA-03 Caixa de Ar 12 mm esp.



CONCLUSÃO

Como se pôde verificar o território de Alcácer do Sal apresenta um vasto património natural, composto por uma imensa diversidade paisagística, que acolhe uma grande variedade de espécies de vida selvagem - aspeto que lhe conferiu a necessidade de atribuição de um estatuto de área protegida. Este é no entanto fomentador de diversas atividades, que para além do sector tradicional primário, constituído pela agricultura, pesca e floresta, engloba também os sectores ligados às indústrias e ao turismo.

Apesar deste território compreender uma grande diversidade de atividades e serviços, Alcácer do Sal apresenta-se como uma cidade pobre e cada vez mais desertificada, comprometendo consequentemente o desenvolvimento da cidade, bem como a sua preservação. Por este motivo atualmente uma grande parte do centro histórico da cidade de Alcácer do Sal, que se desenvolve ao longo do litoral do Rio Sado até à colina do castelo, demonstra elevados níveis de degradação, levando os habitantes e os visitantes a se afastarem da frente ribeirinha da cidade, em detrimento de outras áreas da mesma.

No seguimento desta análise deparamo-nos com a problemática que serviu de motor de arranque de toda a proposta, por se tratarem de dois vazios urbanos que marcam o limite da cidade, afetando não só a imagem da frente ribeirinha da cidade, como a comunicação entre esta e a área de produção.

Numa tentativa de devolver à cidade o seu dinamismo e vivacidade, conseguido em épocas passadas pela atividade comercial que se desenvolvia na frente ribeirinha da cidade, onde chegavam e partiam embarcações carregadas de mercadorias, surge a necessidade de reinterpretação espacial e conceptual dos espaços de mercado através de uma reflexão sobre a importância destes na cidade, bem como todo o seu percurso tipológico ao longo da história.

Durante este processo constatou-se uma estagnação do desenho tipológico e funcional dos espaços de mercado, que a longo prazo, provocaram um desajuste destes modelos ao estilo de vida da sociedade contemporânea.

Neste sentido surgiu a proposta de um novo complexo mercantil na cidade de Alcácer do Sal, que tenciona repensar para além do seu modelo tipológico, a sua função na sociedade atual, através de uma solução que procura adaptar-se às necessidades atuais do lugar em que se implanta, com o objetivo de reparar as carências funcionais da cidade e impulsionar o desenvolvimento urbano, económico e social da mesma.

Há que ter em conta que o sucesso de qualquer proposta está inteiramente ligado à capacidade de interpretação do lugar e das suas necessidades, para possibilitar a criação de uma solução mais assertiva, que responda às carências do lugar, suscitando a sustentabilidade de futuras intervenções.

BIBLIOGRAFIA

BALONA, Rita. Sal. In **Atlas do Sudoeste Português** [Em linha]. Alcácer do Sal. [Consult. Fev. 2018]. Disponível em <http://83.240.184.26/drupal/?q=en/node/152>

BALONA, Rita. O Arroz. In **Atlas do Sudoeste Português** [Em linha]. Alcácer do Sal. [Consult. Fev. 2018]. Disponível em <http://83.240.184.26/drupal/?q=en/node/153>

CASTRO, Ana Rita M. O. de . **Cidade e frente de água- Papel articulador do espaço público**. [Em linha]. Barcelona: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, 2011. [Consult. Mai. 2018]. Consultado em <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/43144>

COSTA, Rita Bibe da. **Cidades de água – Relação entre as cidades e as suas frentes de água**. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Trad. Isabel Correia, Carlos Macedo. Lisboa: Edições 70, 2008. 202 p. Tit. orig.: Concise townscape. ISBN 978-972- 44- 1401-0.

DAVID, Ana. **Trienal de Arquitetura de Lisboa 2007: Vazios urbanos**. Lisboa: Caleidoscópio, 2007. 419 p. ISBN 978-989-8010-86-5

D'ASCANIO, Natalie Paola. História do Porto de Setúbal. [Em linha]. [Consult. Fev. 2018]. Disponível em <http://adonisw.tripod.com/portosetubal.htm>

ESTEVEENS, Ana. **A reabilitação de frentes de água como modelo de valorização territorial**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. 110 f. Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Arquitectura.

FERREIRA, Marisol. Rio Sado. In **Atlas do Sudoeste Português** [Em linha]. Alcácer do Sal. [Consult. Fev. 2018]. Disponível em <http://83.240.184.26/drupal/?q=en/node/151>

FILIPE, Ana Júlia Ganço. **Habitar os limites. Os espaços limiaries num edifício de usos mistos - uma intervenção no Hospital do Desterro** [Em linha]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, 2013. [Consult. Abr. 2018]. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/6667>.

GOMES, Vera. V. **Reserva Natural do Estuário do Sado: Estudo do impacto geoambiental da reserva natural do estuário do Sado**. Lisboa. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2005. 59 f.

INFOPÉDIA-Dicionários da Língua Portuguesa [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. [Consult. Jan. 2018]. Diponível em <https://www.infopedia.pt/>

JORDÃO, Joana Raquel. **A presença do vazio arquitetónico**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2011. 82 f. Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Arquitectura.

MAGALHÃES, Manuela R. **A Arquitetura Paisagista – morfologia e complexidade**. 1ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2001. 525 p. ISBN 972-33-1686-2

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história : suas origens, transformações e perspectivas**. 2ª ed.São Paulo : Martins Fontes, 1982. 741 p. Tit. orig.: **The City in History, Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects**.

PEREIRA, Maria T. L., **Alcácer do Sal na Idade Média**. Lisboa: Edições Colibri,2000. ISBN 972-772-142-7.

PEVSNER, Nikolaus. **Historia de las tipologias arquitectonicas. 2ª ed. Barcelona: GG (Gustavo Gili), 1980. 447 p.**

PINHEIRO, Joana. Vazios Urbanos. **Arquitetura e Construção**. nº 43 (Jul. 2007), p. 52-56.

PINHEIRO, Joana. Repensar os Vazios Urbanos. **Arquitetura e Construção**. nº 42 (Mai. 2007), p. 48-51.

PINTO, Jorge Cruz. **O espaço limite: produção e recepção na Arquitectura**. 1ª ed. Lisboa: ACD Editores, 2007. ISBN 978-972-855-35-2.

PORTAS, Nuno;VIEGAS, Luís; GRANDE, Nuno; VASCONCELOS, Ricardo; CARNEIRO, Ana. **Água: cidades e frentes de água: mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água**. Lisboa : APL, 1998. 128 p. ISBN 978-972-9483-33-7

ROSSI, Aldo. **A Arquitectura da Cidade**. Trad. José Charters Monteiro. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. 258 p. Tit. orig.: **L' architettura della città**. ISBN 972-762-126-0.

SELÃO, Paulo. **Planeamento e Gestão do Território no Concelho de Alcácer do Sal** [Em linha]. 2012. [Consult. Fev. 2018]. Disponível em <http://pedra-no-chinelo.blogspot.pt/2012/08/planeamento-e-gestao-do-territorio-no.html>

